



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

RAFAELA STEPHANY BARRETO LOPES

119041844

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ENTRE AS MULHERES: AS BARREIRAS
ENFRENTADAS NA RELAÇÃO DA FIGURA FEMININA COM O DINHEIRO**

RIO DE JANEIRO

2023

Rafaela Stephany Barreto Lopes

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ENTRE AS MULHERES: AS BARREIRAS
ENFRENTADAS NA RELAÇÃO DA FIGURA FEMININA COM O DINHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Bacharel em Administração à Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de
Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador: Professor Luiz Carlos Feitosa de Moura

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais. Motivação principal desse trabalho acontecer. Tudo que eu faço é por vocês e para vocês. Obrigada por me darem a oportunidade de ser a primeira da família a me formar em uma Universidade. Sem vocês nada disso seria possível.

A minha psicóloga Liana, por me fazer refletir, manter o pé no chão e não me perder dos meus objetivos nos anos de graduação.

Ao meu orientador, professor Luiz Moura, pelos incansáveis feedbacks, organização sem igual e dedicação para que eu entregasse o melhor trabalho possível em um período reduzido.

Ao Fernando Blanco, meu apoiador incondicional e leitor incansável da minha pesquisa. Obrigada por deixar o processo mais leve quando eu mais precisava.

À Vitória Sales, minha parceira de faculdade desde o primeiro período, confidente oficial das dores e comemorações do processo de me formar na UFRJ e realizar a monografia.

À Rebecca Dias que dividiu noites comigo através de uma tela, mesmo a 170km de distância, enquanto cada uma fazia a sua monografia.

Aos meus amigos de dentro e fora da Praia Vermelha, que mesmo sem saber, tornaram o processo mais tranquilo.

Ao Felipe Martins, que deveria estar dividindo o processo comigo, sei que você esteve comigo durante tudo isso, onde quer que você esteja.

A mim, por ter chegado até aqui.

RESUMO

A educação financeira é um tema de grande importância em geral e torna-se ainda mais relevante para as mulheres, visto que permite romper desigualdades históricas de gênero, garantir maior confiança nas relações, proporcionar segurança financeira em todas as idades e, consequentemente, romper com o comum cenário de dependência masculina. Além disso, permite um maior controle financeiro, uma melhor tomada de decisão, a redução do estresse, um bom gerenciamento patrimonial, garantias para o futuro e melhores oportunidades financeiras. No entanto, esse tema encontra-se distante da realidade feminina devido ao seu contexto social e à falta de acesso, incentivo e motivação ao tema das finanças. Portanto, este trabalho se propôs a analisar mais a fundo os efeitos da educação financeira para as mulheres em sua relação com o dinheiro. Assim, foram investigadas as barreiras enfrentadas por elas no acesso à informação sobre o mundo das finanças, relacionando aspectos como a percepção da educação financeira de forma geral, a tomada de decisão financeira, suas influências e a maneira como é percebida entre o público feminino. Para isso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 12 mulheres de contextos sociais distintos, individualmente, utilizando um questionário inicial com 8 perguntas que incluía aspectos como: renda individual, faixa etária e nível de escolaridade. Por meio dessas entrevistas, foi possível identificar que existe um grande espaço a ser conquistado na construção da relação da mulher com as finanças. Isso envolve a falta de incentivo em nível nacional, o sentimento de insegurança, as relações familiares, a dependência de figuras masculinas e um certo distanciamento da independência financeira. Contudo, essa relação não é estritamente negativa e vem sendo melhorada através das novas gerações e da acessibilidade ao conhecimento fornecida pela internet e pelas redes sociais.

Palavras-chave: Educação Financeira; Mulher; Independência Financeira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pirâmide de Maslow	19
------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percepção das entrevistadas sobre a educação financeira no Brasil entre positivo e negativo	27
Gráfico 2: Avaliação pessoal das entrevistadas sobre sua relação com o dinheiro	31
Gráfico 3: Meios citados pelas entrevistadas para obter conhecimento sobre educação financeira	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil das entrevistadas	26
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1.	Educação financeira e o contexto brasileiro	12
2.2.	A relação da educação financeira com o público feminino	15
2.3.	Influência da educação financeira na emancipação econômica da mulher.....	18
3	METODOLOGIA	22
3.1.	Classificação da pesquisa, método, técnica de coleta de dados	22
3.2.	Participantes da pesquisa	23
3.3.	Instrumento	23
3.4.	Procedimentos de coleta e análise dos dados.....	24
4	RESULTADOS.....	26
4.1.	A percepção da educação financeira no Brasil	26
4.2.	A percepção e a relação das mulheres com o dinheiro	29
4.2.1.	Relação pessoal da mulher com o dinheiro	30
4.2.2.	Influência familiar na relação da mulher com o dinheiro.....	33
4.2.3.	A mulher e o nível de conhecimento sobre educação financeira	35
4.3.	Significado de independência financeira para as mulheres	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICES	48
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA	48
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS	49

1 INTRODUÇÃO

Perspectivas históricas e concepções de gênero remetem a papéis bem distintos em relação às tarefas designadas para homens e mulheres: deveres relacionados à família e a cuidados, por exemplo, eram de estrita responsabilidade feminina, ao passo que a responsabilidade masculina remetia ao provimento de recursos e proteção através do trabalho e força (BADINTER, 1986). Desse modo, a mulher era mantida em uma posição segura, longe dos complicados assuntos sobre negócios, dinheiro e empregados, de forma que sua atenção focasse, exclusivamente, no âmbito doméstico (Ibid., p. 273). Diante disso, a sociedade internalizou tais representações como algo natural, tornando-se fundamentais no desenho das relações interpessoais e nas condutas esperadas de cada um, definindo, assim, identidades sociais cada vez mais distintas que reverberam até hoje.

Esse cenário, que justifica a diferença social com base nas relações de poder e subordinação, só enfrentou mudanças a partir da modernidade. Somente nesse período, transformações na divisão do trabalho se tornaram realidade: mulheres foram inseridas pouco a pouco em algumas atividades, apesar de hierarquicamente em posições e remunerações inferiores (SCOTT, 1992). Neste sentido, percebem-se significativas modificações no decorrer dos últimos anos por conta da atuação de novas gerações na luta por espaço, aliada à crescente demanda por mais trabalhadores após a década de 70, proveniente da aceleração da economia e das transformações socioculturais à época.

Apesar dos recentes avanços, ainda existe grande disparidade nos papéis desempenhados quando analisados sob um recorte de gênero: segundo os dados da PNAD Contínua - IBGE, a participação feminina no mercado de trabalho registrada no 4º trimestre de 2022 é de 52,7%, enquanto a dos homens é 20 pontos percentuais acima. De maneira análoga e referente à mesma pesquisa conduzida pelo IBGE, a remuneração média das mulheres é 28,3% menor que a dos homens no mesmo intervalo temporal (FEIJÓ, 2023). Partindo dessa perspectiva e considerando o recente contexto histórico de inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho, infere-se que os formatos de educação possuem grande importância e caráter diferencial nesse processo de grande impacto social.

Quando se observa a perspectiva educacional, percebe-se que a família e instituições escolares reforçam as expectativas do que se é “mais adequado” para cada sexo (VIANNA, FINCO, 2009). O modo como os meninos são educados, por exemplo, apesar de variar com o contexto de criação, os ensina a negociar, investir e competir. Em contrapartida, as meninas são encorajadas a cuidar, compreender e se conter. Por conseguinte, isso reflete diretamente em

como as mulheres enfrentam uma relação conflituosa com seu dinheiro: 82% delas deixam as decisões financeiras para seus maridos, pois acreditam possuir maior conhecimento financeiro, 79% afirmam ter outras responsabilidades mais urgentes (UBS, 2019) e 46% das que sofrem violência doméstica não denunciam seus agressores por conta da dependência financeira (SENADO FEDERAL, 2021). Diante desse cenário, a educação financeira se faz fundamental para que a emancipação feminina seja alcançada em consonância com a sua autonomia financeira, garantindo dignidade e liberdade na tomada de decisões individuais.

Apesar da notória importância do tema, falar sobre dinheiro ainda é uma grande questão para as mulheres. De acordo com pesquisa realizada pelo Banco de Investimentos Merrill Lynch em 2017, 61% das entrevistadas preferem conversar sobre a própria morte do que tocar em assuntos financeiros (MERRILL LYNCH, 2017). Este fato, entretanto, não é uma surpresa, haja vista que tal realidade é um reflexo direto da inserção tardia da mulher em assuntos monetários. Para fins exemplificativos, somente na década de 60 elas tiveram direito de ter sua própria conta bancária no Brasil (BRASIL, 1916, art. 233). De maneira análoga, apesar do primeiro registro de negociação de ações ter sido ocorrido em 1611 (QUINTANILLA-GARCÍA, 2008), apenas dois séculos depois (mais especificamente, em 1873) obteve-se registro da primeira mulher investidora (MELO, FALCI, 2003). Esses pontos reforçam a existência de incluirmos este público no debate, afinal, não existe progresso econômico ou perspectiva de crescimento de forma sustentável sem inclusão financeira (CANCIAN, 2022), justificando, assim, a relevância deste estudo.

Assim, dadas as desafiadoras condições enfrentadas pela figura feminina, rigorosa dependência financeira de outras pessoas e baixa instrução em relação às suas finanças pessoais, este trabalho procura colaborar com estudos anteriores explorando a lacuna existente na relação entre a mulher e o dinheiro, entendendo como a educação financeira é capaz de impulsionar sua independência. Considerando a importância desse tipo de instrução para o público feminino e dada a relevância previamente mencionada, o presente estudo busca responder à seguinte pergunta: Quais efeitos têm a educação financeira para mulheres na sua relação com o dinheiro? Em outras palavras, este trabalho tem como objetivo principal investigar as barreiras enfrentadas pela mulher no seu processo de independência financeira.

Para se atingir o objetivo geral, foram traçados objetivos específicos complementares. Primeiramente, será analisado o contexto da educação financeira no país, apresentando conceitos de educação financeira e como esta é percebida, desenvolvida e incentivada por meio de políticas públicas em cenário brasileiro. Em seguida, é de extrema valia compreender a atual situação da educação financeira, especificamente para as mulheres, buscando entender como

essa relação foi construída e seus efeitos atualmente. Por fim, será investigada a relação delas com o dinheiro e os impactos que a boa compreensão da temática pode ocasionar no processo de emancipação econômica feminina.

Embora haja uma vasta literatura que se dedica individualmente ao estudo da educação financeira (POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2015; NEGRI, 2010; WORTHINGTON, 2006), a grande maioria não contempla reflexões comportamentais que a relaciona com o público feminino (conforme abordado em DYTCHWALD e LARSON, 2011). Reconhecendo a presente limitação, este estudo tem como objetivo contribuir para a literatura, associando os efeitos da educação financeira na independência financeira das mulheres no século XXI, levando em consideração padrões de comportamento e a trajetória histórica desse grupo social. Ademais, a relevância deste projeto reside em compreender como uma relação saudável com o dinheiro pode proporcionar vantagens na vida das mulheres em termos pessoais, sociais e, obviamente, econômicos, configurando-se como um dos fatores fundamentais para assegurar seu empoderamento e autonomia financeira.

De modo a alcançarmos os objetivos gerais e específicos do presente artigo, no que diz respeito aos dados e referências acadêmicas utilizados no processo, estes foram coletados de pesquisas realizadas com temas similares ou correlatos em plataformas como Google Acadêmico, Scielo e CAPES. Além disso, foram explorados livros sobre os temas em questão, devidamente referenciados em seções posteriores do presente trabalho. De maneira complementar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 mulheres, nas quais buscou-se investigar como a educação financeira pode auxiliá-las a ter uma boa relação com suas finanças e, por consequência, atingir sua independência financeira. Os questionamentos realizados encontram-se no Apêndice A e foram desenvolvidos de acordo com o repertório obtido através dos materiais acadêmicos utilizados para fundamentar a pesquisa.

No que se refere à visão geral da pesquisa, começaremos por investigar a relação construída ao longo do tempo entre o público feminino e as finanças, a fim de examinar o impacto positivo que a educação financeira pode ter nessa interação, observando o contexto histórico, político e social. Tal percepção favorável se fundamenta na premissa de que mulheres com maior nível de alfabetização financeira tendem a ter um vínculo mais pacífico com o dinheiro, além de refletir em um maior nível de renda, fato que se reforça no gênero masculino. Posteriormente, complementando a etapa anterior, será estudado em profundidade o contexto de diversas mulheres cariocas e qual o espaço da educação financeira em cada um deles. Para tanto, foi analisada a realidade de cada uma delas, por meio de seus relatos, observando distintos

recortes de renda familiar, nível de escolaridade e faixa etária, a fim de entender como essa relação com o dinheiro é construída, se é construída, e quais são seus impactos na vida de cada uma.

Dito isto, o presente estudo será estruturado da seguinte forma: a próxima sessão apresentará a pesquisa bibliográfica utilizada para embasar e direcionar o estudo, resumizando informações sobre o panorama atual da educação financeira, sua situação atual em relação ao público feminino e seus impactos positivos no contexto em análise. Posteriormente, será exposta a metodologia utilizada de forma detalhada: o tipo de pesquisa, o universo e amostra selecionados, o instrumento utilizado para coleta e tratamento dos dados, encerrando com a metodologia aplicada para atingir os objetivos gerais e específicos mencionados. No quarto capítulo serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa, visando responder ao problema de pesquisa proposto. Por fim, a conclusão retoma os principais achados da pesquisa, bem como limitações, recomendações para estudos futuros e suas consequências práticas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, discutimos os recursos teóricos utilizados para aprofundar o conteúdo apresentado nesta monografia. Esses recursos foram selecionados por meio de uma pesquisa em portais de periódicos, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Google Acadêmico, utilizando termos como "educação financeira", "independência feminina" e "educação financeira para mulheres".

Após a leitura dos resumos dos títulos que mais se aproximavam do tema central, foram selecionados aqueles artigos que abordassem a educação financeira em conexão com o público feminino e que falassem sobre o aspecto histórico desta relação. Além disso, foram incluídos livros específicos que abordam conceitos de educação financeira, bem como discussões mais aprofundadas acerca da sua relação com a emancipação financeira da mulher. Em suma, esta seção tem como objetivo apresentar o referencial teórico utilizado para fornecer embasamento científico para o presente trabalho.

Com o objetivo de facilitar a compreensão dos estudos acadêmicos que abordam o assunto em questão, optamos por dividir esta seção em três partes. A primeira seção explora o conceito de educação financeira e seus aspectos intrínsecos, enfatizando, particularmente, o contexto brasileiro com a atual situação e a importância da temática para a sociedade. A segunda parte destaca a conexão intrínseca entre educação financeira e as mulheres, sublinhando a relevância do tema para o universo da pesquisa. Finalmente, será analisado como o conhecimento em finanças pode influenciar no sucesso financeiro das mulheres, com base em pesquisas científicas que também abordam o tema.

2.1. Educação financeira e o contexto brasileiro

Há alguns anos, a educação financeira não possuía amplo alcance popular para discussão, visto que a economia brasileira como um todo sofria constantes mudanças estruturais. Em um cenário de inflação exorbitante, tal como vivenciado pelo Brasil entre o final da década de 80 e início dos anos 90, o importante era possuir bens e garantir níveis de estoque adequados frente à rápida oscilação dos preços. Dessa forma, tal conhecimento só foi ganhar espaço e justificar a sua importância à medida em que o mundo caminhou para uma maior conformidade econômica, tornando-se fundamental a sua compreensão (CERBASI, 2009).

Assim, de forma que possamos melhor compreender tal afirmação, faz-se necessário entender, primeiramente, algumas das diversas definições pontuadas para educação financeira. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que trabalha o conceito em uma perspectiva mundial, categoriza-a como o caminho de orientação para que indivíduos compreendam melhor o universo financeiro e, com isso, consigam atuar de forma cada vez mais consciente, realizando escolhas focadas em seu bem-estar financeiro e contribuindo para a disseminação dos aprendizados (OCDE, 2005a).

Já Negri (2010), por exemplo, a classifica como um processo educacional baseado em métodos que possibilitam que pessoas, independentemente de idade, nível social ou raça, consigam gerenciar seu dinheiro de forma que tenham mais sucesso em atividades cotidianas e na melhora da sua qualidade de vida. Ainda na perspectiva da autora, o objetivo maior é fornecer ferramentas para que o aluno em questão se insira no meio social, entendendo movimentos mundiais em relação ao setor financeiro, facilitando, assim, suas decisões pessoais.

Outra definição complementar às previamente mencionadas é a de Worthington (2006), que traz o conhecimento financeiro sob duas perspectivas: a pessoal e a profissional. A primeira se direciona ao entendimento da conjuntura econômica e de como ela afeta as decisões monetárias das famílias e a administração de seus recursos, tais como orçamento, poupança, investimento e seguro. Já o segundo enfoque busca entender o vínculo entre o conhecimento e as decisões financeiras tomadas pelas empresas, juntamente com o entendimento dos materiais envolvidos, tais como fluxos de caixa, balanço patrimonial, relatórios e mecanismos de governança corporativa (WORTHINGTON, 2006).

Em linha com as definições mencionadas anteriormente, a OCDE apresenta a ideia complementar de que o entendimento de conceitos essenciais sobre finanças fomenta uma relação equilibrada com o dinheiro, facilitando a tomada de decisões em relação a planejamento, consumo, crédito, investimento e proteção financeira (OCDE, 2005b). Consequentemente, uma vida financeira mais sustentável torna-se possível, impactando não apenas no âmbito pessoal e familiar, mas também no futuro de um país. Essa ideia reforça a importância da temática central do presente artigo, partindo-se da premissa que pessoas bem-informadas criam um mercado mais competitivo e eficiente, elevando o nível de desenvolvimento de uma região (BRAUNSTEIN, WELCH, 2002). Desse modo, percebe-se que a compreensão dos conceitos que envolvem esse tema é fundamental em uma perspectiva política e econômica nacional.

Com o objetivo de padronizar a abordagem da educação financeira, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), comitê do qual o Brasil faz parte, desenvolveu um conjunto de diretrizes relacionadas ao tópico. Entre os princípios abordados, destaca-se que a educação financeira seja promovida de maneira imparcial, sem influência de interesses particulares e respeitando as prioridades de cada país. A partir disso, é recomendado que ela comece nas escolas o mais cedo possível e continue ao longo da vida, permitindo, assim, o entendimento da evolução dos mercados e das informações em constante atualização. Nesse sentido, é importante salientar que as iniciativas de educação financeira no Brasil são direcionadas pelo Ministério da Educação e, apesar de recentes, enfrentam um cenário preocupante.

De acordo com o PISA 2018 (*Programme for International Student Assessment*), um programa internacional da OCDE que avalia estudantes de acordo com suas habilidades, o Brasil está na 17ª posição em relação aos vinte países avaliados sobre o contato dos alunos com conceitos de finanças nas escolas, não mostrando significativa evolução em relação à pesquisa anterior (OCDE, 2019). Além disso, 53% dos brasileiros entrevistados atingiram o nível mínimo esperado, ao passo que apenas 3% alcançaram a pontuação máxima no teste aplicado. Considerando esses números preocupantes, reflexo claro da atual situação do país em relação ao incentivo da educação financeira, é relevante salientar que algumas iniciativas vêm sendo tomadas pelo Governo Federal.

Dentre as medidas realizadas, pode-se tomar como exemplo o desenvolvimento da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), implementada a partir do Decreto Federal 7.397/2010, com o objetivo de promover a educação financeira no país por meio de programas como Educação Financeira nas Escolas, Educação Financeira para Adultos, Semana Nacional da Educação Financeira e ações desenvolvidas pelos membros do Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF) (VIDA E DINHEIRO, 2017). Neste mesmo sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - divulgada em 2017 para a educação infantil e ensino fundamental, e em 2018 para o ensino médio - incluía a discussão da educação financeira como um tema a ser abordado até 2020 nas salas de aula, apesar de não ter acontecido da forma esperada (CASTRO, 2021).

Neste mesmo sentido, em parceria firmada entre a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e o Ministério da Educação (MEC), criou-se em 2021 o Programa Educação Financeira nas Escolas, com o objetivo de capacitar 500 mil professores, por meio de uma plataforma EaD, para lecionar educação financeira nas escolas. Entretanto, a evolução é lenta e distante de

alcançar a maioria dos docentes distribuídos nos estados (MEC, 2021). De maneira análoga, percebe-se que embora a abrangência à nível nacional venha sendo realizada, ela ocorre de forma lenta e a formação adequada para os professores não tem sido realizada. Em entrevista recente concedida ao Valor Investe sobre os programas de educação financeira em vigor nas escolas públicas do país, por exemplo, o professor pernambucano Guilherme Costa relata que jamais foi ensinado como instruir as crianças acerca de suas finanças pessoais (LEWGOY, 2021). Tal colocação reforça a mazela encontrada no processo educacional brasileiro, sobretudo no ensino público, que apresenta fragilidades históricas e não apenas limita-se à educação financeira em si, ponto citado por Cassia D'Aquino, educadora financeira, na mesma entrevista.

É importante considerar, também, que essa perspectiva vai além da escola. Conforme pesquisa realizada em 2020 pelo Ibope junto ao C6 Bank com brasileiros das classes A, B e C (C6 BANK, 2020), é necessário atentarmos ao papel da família na educação financeira. Apesar de 8 em cada 10 entrevistados afirmarem não terem tido contato com a educação financeira durante sua infância, 77% afirmam conversar sobre a situação financeira com os filhos. Ao observamos as classes sociais individualmente, 57% dos que pertencem à classe A afirmam terem tido contato com a educação financeira no ambiente familiar, ao passo que este número cai 20 pontos percentuais quando se restringe à classe C. É possível perceber, assim, que pessoas com uma boa relação com o dinheiro têm maior tendência a falar sobre o assunto com seus filhos.

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que existe uma movimentação para que o assunto da educação financeira ganhe cada vez mais espaço nas discussões tanto escolares quanto familiares. Por isso, torna-se extremamente importante trabalhar a inclusão dessa temática a fim de capacitar professores e, consequentemente, indivíduos da sociedade como um todo, para que o assunto encontre uma espiral positiva de influência e impacto social. Assim, haja vista seu irrefutável impacto, compreender os conceitos de educação financeira se torna cada vez mais importante para construção de uma sociedade equilibrada, na qual os indivíduos têm liberdade de tomar decisões conscientes que levam ao seu maior bem-estar.

2.2. A relação da educação financeira com o público feminino

Com base em um estudo do Serasa Experian com o IBOPE (2019), que relaciona os níveis de educação financeira dos brasileiros com variáveis tal como a renda e a escolaridade, quanto maior o alfabetismo funcional, maior a tendência a entender conceitos básicos de

finanças. Paralelamente, o Índice Global de Inclusão Financeira, estudo que avalia a integração econômica de países de acordo com o apoio governamental, apoio ao sistema financeiro e apoio aos empregadores, demonstra que o Brasil aparece em trigésimo quinto lugar entre os quarenta e dois países analisados no ano de 2022. Tal posição demonstra que os brasileiros carecem de ferramentas, recursos e direcionamentos que fomentam a inclusão financeira, sobretudo, levando-se em consideração os recortes de gênero e renda (PRINCIPAL, 2022).

De acordo com Adriana Dupita, Abhishek Gupta e Tom Orlik (2021), economistas afiliados à Bloomberg - empresa de tecnologia e dados para o mercado financeiro, é possível gerar um aumento no Produto Interno Bruto (PIB) mundial de US\$ 20 trilhões até 2050 se as mulheres tiverem garantia de plena educação em relação à economia moderna (DUPITA, GUPTA, ORLIK, 2021). Tal afirmação corrobora o citado, no sentido de que o conhecimento ligado às finanças é a base das decisões econômicas de uma sociedade, promovendo o futuro e desenvolvimento de uma nação. Por isso, é importante considerar que as mulheres, maior parte da sociedade, têm um potencial inexplorado em relação à economia como um todo, fato este que pode gerar um impacto econômico em escala global.

Apesar de maioria em termos percentuais, tal proporção não se sustenta quando se trata da relação entre gênero e educação financeira: percebe-se, por exemplo, que homens possuem um maior domínio do assunto e essa diferença pode ser explicada através do processo social de criação de um indivíduo (EDWARDS, ALLEN, HAYHOE, 2007). De acordo com pesquisa realizada pelos autores, foram encontradas distintas perspectivas em relação aos pais e a criação dos filhos no que remete à diferenciação dos gêneros: os resultados apontam uma maior expectativa em relação ao trabalho e à vida financeira por parte dos homens, gerando maior propensão a conversas sobre dinheiro. Por outro lado, as mulheres são educadas para a futura dependência financeira, tendo em vista que elas recebem mais apoio financeiro familiar e não são estimuladas frente a esse assunto, um padrão que reverbera ao longo da história.

Além do fator familiar, a disparidade de gênero na educação se impulsiona, também, por obstáculos estruturais de longa data e mudanças socioeconômicas (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, 2022). Quando analisadas as dificuldades e mudanças históricas enfrentadas pelo público feminino, percebe-se que essa diferença de ensino reforça o papel desempenhado pela mulher tanto social quanto economicamente. As responsabilidades a que são designadas, tais como tarefas da casa ou atividades com os filhos, por exemplo, mantêm as mulheres distantes de uma perspectiva educacional econômica e refletem diretamente na atual divisão do trabalho (SOUSA, GUEDES, 2016).

De maneira complementar, de acordo com o Censo da educação superior (2019), a participação feminina quase passa dos 80% nos cursos de ensino superior associados a cuidados, bem-estar, serviços pessoais e saúde, tais como Serviço Social, Pedagogia, Enfermagem, Recursos Humanos, dentre outros correlatos. Em contrapartida, elas representam apenas 13,3% dos cursos presenciais de graduação nas áreas de Computação e Tecnologia, e 21,6% em Engenharia e segmentos similares. Assim sendo, é possível destacar que a proximidade com matérias de cunho financeiro, seja na graduação ou em cursos complementares, tem grande poder de impactar favoravelmente nas decisões e práticas financeiras cotidianas (AMADEU, 2009), tal como percebido em cursos como Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas. Portanto, pode-se inferir que a clara divisão entre áreas de interesse nos cursos superiores possui impacto direto na relação das mulheres com a educação financeira e, conseqüentemente, no contato com conceitos básicos relacionados à economia e às ciências exatas como um todo.

Outro elemento que impacta diretamente na relação da mulher com a educação financeira é a renda obtida por ela e por sua família: percebe-se correlação positiva entre as variáveis de nível de renda e nível de alfabetização financeira (POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2015). Conforme relatório global que estuda o gap de gênero (*Global Gender Gap Report*) em aproximadamente 40 países, mulheres apresentam grande desvantagem quanto ao seu acúmulo de patrimônio ao longo do tempo em que trabalham, especialmente por conta de oportunidades distorcidas no mercado quando comparadas aos homens (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, 2022). Dentre os fatores apresentados no relatório, por exemplo, destacam-se as grandes disparidades salariais, desigualdade na ascensão da carreira e a diferença no acesso à educação financeira como um todo. Assim, nota-se a ocorrência de um ciclo prejudicial, no qual a escassez de recursos dificulta o desenvolvimento de conhecimentos financeiros, os quais, por sua vez, corroboram para a manutenção das más condições econômicas das mulheres.

Em suma, percebe-se que as variáveis que mais afetam em níveis diferenciados de educação financeira, além do gênero, são a escolaridade e o nível de renda própria e a familiar, respectivamente (POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2015). Ao analisarmos tal descoberta de maneira conjunta, percebe-se que o conhecimento relacionado ao poder econômico das mulheres é ainda pouco explorado, apesar de apresentar indubitável potencial de impacto. Isso se deve ao fato de que o aumento do emprego feminino e o seu maior envolvimento com questões financeiras nas economias desenvolvidas desempenharam um papel mais significativo para o crescimento do PIB global do que as novas tecnologias ou os emergentes gigantes

econômicos, como é o caso da Índia e da China (THE ECONOMIST, 2006). O cenário abordado é um retrato da história que avança, mesmo em um cenário árduo, assim como a situação das mulheres em direção a independência financeira, ponto que será abordado a seguir.

2.3. Influência da educação financeira na emancipação econômica da mulher

Dada a relevância da educação financeira para as mulheres e para a sociedade em geral, é importante compreendermos seus efeitos no processo de conquista da independência feminina. Para haver uma melhor compreensão dessa associação, é necessário, primeiramente, entender o conceito de independência financeira e, em seguida, relacioná-lo à figura da mulher. Segundo Morgan Housel (2021), autor do livro “A Psicologia do Dinheiro”, independência financeira remete ao valor do dinheiro sobre a capacidade que este possui, aos poucos, de garantir maior domínio sobre a possibilidade de escolha. Ainda de acordo com o autor, só é possível alcançá-la controlando suas expectativas e mantendo um estilo de vida inferior aos seus rendimentos.

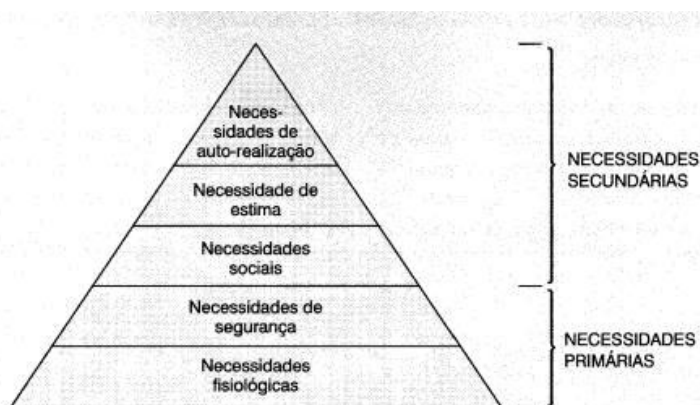
De maneira complementar, a abordagem de Cerbasi (2004) sustenta a premissa de que a independência financeira guarda uma relação intrínseca com a obtenção de felicidade, bem-estar e saúde, desde que haja a garantia de uma renda estável capaz de sustentar esses elementos ao longo da trajetória de vida. Em uma perspectiva mais técnica, apresentada pelo mesmo autor em publicação mais recente (CERBASI, 2018), é possível alcançá-la quando se acumula certa quantidade de recursos em uma aplicação segura que produza juros sobre esses ativos, gerando renda suficiente para suprir todas as necessidades, priorizando aquelas relacionadas à segurança, sem a obrigação de trabalhar, a menos que esta seja uma escolha. Analogamente, Kiyosaki (2000) afirma que independência financeira se relaciona ao entendimento de quanto tempo você pode sobreviver se parar de trabalhar, situação que também só é possível com a plena garantia das necessidades básicas de um indivíduo.

Em complemento com as definições supracitadas, Dytechwald e Larson (2011) analisam a trajetória feminina sob outra perspectiva, na qual definem seu estado de independência financeira como o momento em que a mulher não precisa mais lidar com preocupações financeiras diárias, possuindo uma condição confortável que as permita investir no próprio futuro. As autoras destacam que nesse contexto existem diferentes situações, exemplificadas por mulheres que possuem uma vida de economia e investimentos, assim como aquelas que

estão adotando medidas iniciais em suas jornadas para garantir melhores condições futuras para suas famílias. Esta perspectiva também aborda liberdade de escolha possibilitada pela garantia de necessidades básicas, principalmente as que garantem segurança à mulher.

Diante de tais definições, se faz necessário explorarmos o conceito de segurança. Neste sentido, apresenta-se a Hierarquia das Necessidades Humanas, representada pela pirâmide de Maslow (MASLOW, 1943), conforme apresentado na Figura 1 abaixo. Em síntese, a pirâmide inicialmente proposta apresenta, por meio de uma teoria psicológica, cinco categorias que buscam compreender as motivações e necessidades humanas. Tal esquema tem por objetivo estruturar tais pontos por grau de importância e influência, dentre eles, as necessidades de segurança são classificadas como primárias, pertencentes ao segundo nível da pirâmide e se referem diretamente à ideia de estabilidade, busca de proteção contra o perigo, privação e incerteza (CHIAVENATO, 2014).

Figura 1: Pirâmide de Maslow



Fonte: Chiavenato (2014, p. 331)

Para se aprofundar nas necessidades da independência econômica das mulheres, Dytchwald e Larson realizaram uma releitura do esquema defendido por Maslow, transformando-o em três estágios. A primeira necessidade, definida como a mais básica, aborda aspectos fisiológicos tais como o acesso a abrigo, sono, água e alimentação, sendo retratada como “sobrevivência”. Nela, a mulher possui recursos financeiros suficientes para que seja possível ter uma casa para a família, alimentação e roupas necessárias. O segundo estágio, definido como “independência”, agrupa as necessidades de segurança, sociais e estima, retratando o momento em que a mulher consegue garantir o básico, timidamente ganhar confiança e, enfim, realizar planos para o próprio futuro e o da família. Por último, o terceiro

estágio, chamado de "influência", corresponde à necessidade de autorrealização e ilustra o cenário ideal: mulheres utilizando seus conhecimentos financeiros de forma intencional para tomada de decisões que impactam além de suas casas e filhos, obtendo o devido reconhecimento (DYTCHWALD, LARSON, 2011).

Entretanto, apesar de parecer um fluxo natural, este caminho é enfrentado arduamente pelo público feminino, que se concentra majoritariamente no estágio de “sobrevivência”, muitas vezes em decorrência da falta de acesso e incentivo à educação financeira. Tal frase encontra fundamentação no Informativo Estatístico de Gênero, relatório social desenvolvido pelo IBGE, o qual contempla a temática "Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil". No ano de 2019, por exemplo, mulheres brasileiras destinaram praticamente o dobro do tempo semanal a atividades não remuneradas (21 horas contra 11 horas), tais como tarefas domésticas e cuidados com outras pessoas (IBGE, 2019). Além disso, a renda apresenta grande efeito nesses números: ao passo que mulheres contidas no subgrupo daquelas com 20% dos maiores rendimentos apresentam menos tempo dedicado a essas atividades (18 horas), aquelas pertencentes ao subgrupo das que possuem os menores rendimentos apresentam mais tempo dedicado a essas atividades (24 horas). Em ambos os casos, entretanto, o número se mantém alto quando comparado ao público masculino (IBGE, 2019). Percebe-se, assim, que além do tempo dedicado ao trabalho, grande parte do tempo das mulheres é dedicado ao lar e a seus dependentes. Por conseguinte, essa sobrecarga impede que tempo seja dedicado para novos conhecimentos, afetando diretamente na busca por fatores que estão além da sobrevivência, tal como ascensão profissional e conhecimentos adicionais, como a educação financeira.

Ademais, cabe citar que, apesar de possuírem, em média, três quartos do rendimento financeiro médio dos homens e maior dificuldade na inserção no ambiente laboral, as brasileiras são mais instruídas e apresentam maior representatividade na educação tradicional, inclusive no nível superior (IBGE, 2019). Apesar desta vantagem, todavia, há barreiras implícitas relacionadas a algumas áreas do conhecimento, tais como aquelas relacionadas às ciências exatas citadas no capítulo anterior (IBGE, 2019). Estes fatores, quando analisados conjuntamente, impactam diretamente no interesse da mulher com tópicos financeiros, visto que indivíduos que não têm contato com conceitos de matemática, economia e outros similares tendem a ter, por consequência, menor nível de conhecimento financeiro (POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2015).

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas, a educação financeira se coloca como principal meio para garantir que os três estágios citados por Dytchwald e Larson (2011) se concretizem. De acordo com Housel (2021), Cerbasi (2004) e Kiyosaki (2000), não é possível conquistar independência financeira sem entender, compreender e dominar a interpretação de conhecimentos sobre dinheiro e finanças. Portanto, a alfabetização financeira da mulher é tópico de extrema relevância, principalmente a luz de evidências sólidas e promissoras a nível mundial. Isso ocorre porque este processo não só fomenta maior nível e qualidade de produção, o que leva a melhores rendas, como também garante que as futuras gerações tenham grande parte desse conhecimento (THE ECONOMIST, 2006).

Em síntese, a educação financeira se faz relevante para o público em questão a partir do momento em que amplia a sua independência para tomada de decisões financeiras. Ademais, também auxilia a reduzir a dependência da figura masculina, a mitigar o estresse e ao medo gerado pelas questões relacionadas às finanças e de falar sobre dinheiro, colocando a mulher em um local de influência no assunto. Tais pontos reafirmam que, através da independência financeira - fato possível apenas através da educação financeira - a mulher terá garantia da sua própria renda e autonomia para fazer escolhas quanto a sua vida pessoal e seu trabalho, tendo, assim, tempo e energia para o lazer e realização de desejos futuros (DYTCHWALD e LARSON, 2011).

3 METODOLOGIA

Nesta parte do estudo, serão expostos os métodos empregados para a sua execução, incluindo o tipo de pesquisa, sua descrição geral, a população alvo selecionada, bem como os meios de realização. A presente monografia está inserida no domínio de investigação das Ciências Sociais Aplicadas e visa particularmente enriquecer os estudos no âmbito da Administração, especialmente no campo da Gestão Financeira. Esta foi realizada através de uma revisão bibliográfica da literatura, inicialmente definindo argumentos por meio das teorias analisadas na pesquisa bibliográfica e, em seguida, complementando com justificativas práticas por meio das experiências exploradas na pesquisa de campo (CRESWELL, 2007).

3.1. Classificação da pesquisa, método, técnica de coleta de dados

A pesquisa em questão possui caracterização bibliográfica e qualitativa. A primeira abordagem tem como objetivo aprofundar-se em publicações que exploram a temática da educação financeira, tanto no Brasil quanto para o público feminino, e sua intrínseca relação com a emancipação econômica das mulheres. Por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível identificar estudos anteriores que se assemelham ou abordam o objetivo geral escolhido para a pesquisa, contribuindo assim para uma melhor compreensão do fenômeno selecionado e fornecendo subsídios para os próximos passos da aplicação do método qualitativo (SOUSA, OLIVEIRA, ALVES, 2021).

Para a pesquisa bibliográfica, iniciou-se com a busca de artigos através das palavras-chave “educação financeira”, “educação financeira para mulheres”, “independência financeira” “independência feminina” nos portais de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico. Em seguida, foram examinados seus resumos com o objetivo de identificar aqueles que mais se adequassem ao universo da pesquisa, havendo uma leitura mais aprofundada dos mesmos de forma que o referencial teórico fosse desenvolvido de acordo com o tema e os objetivos específicos em questão.

No que diz respeito à abordagem qualitativa, essa foi escolhida com o propósito de compreender o fenômeno em estudo a partir da perspectiva dos participantes envolvidos. Essa abordagem envolve a utilização de dados abertos e detalhados considerando os valores pessoais trazidos pelos participantes para enriquecer o estudo (CRESWELL, 2007). De acordo com a abordagem em questão, a técnica de coleta de dados selecionada foi a entrevista

semiestruturada, amplamente utilizada em pesquisas de campo e que configura uma pesquisa de caráter descritivo (BAUER e GASKELL, 2008).

Esta (pesquisa de caráter descritivo) é definida por Gil como “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2017, p. 43). Adicionalmente, Vergara a descreve como “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno, ou que dispõe de elementos para explicá-lo” (VERGARA, 2005, p.48). Levando em consideração as duas definições, esta pesquisa busca analisar a relação da mulher com o dinheiro e a educação financeira, investigando como essa relação é construída, estabelecida e percebida pelo público em questão.

3.2. Participantes da pesquisa

A população selecionada para a pesquisa consiste em mulheres residentes no estado do Rio de Janeiro, em seus diversos níveis de renda, escolaridade e estruturas familiares, características estas que também serão objetos de estudo no presente artigo devido à sua relação com o tema, conforme apresentado anteriormente no referencial bibliográfico. A amostra final contempla doze mulheres residentes na cidade do Rio de Janeiro, selecionadas com base na disponibilidade voluntária, motivação e interesse em compartilhar suas experiências e opiniões sobre o tema. Ademais, a seleção das mulheres a serem entrevistadas levou em consideração a heterogeneidade das respondentes, de forma a contemplar diversas trajetórias de vida, perfis socioeconômicos e níveis distintos de conhecimento sobre finanças.

Essa quantidade foi definida de acordo com a perspectiva abordada por Gaskell e Bauer (2008) sobre o número de entrevistas dependendo do ponto de saturação obtido pelas respostas e pelo tamanho do *corpus* a ser analisado. Levando em consideração esses pontos, os autores recomendam um limite máximo de quinze entrevistas individuais. Tal fato reforça que não existe um método específico para delimitar o número de entrevistas a serem realizadas, mas sim indicações para que o pesquisador compreenda o direcionamento do seu estudo na definição dos respondentes (BAUER, GASKELL, 2008).

3.3. Instrumento

Levando em consideração a classificação da pesquisa, a definição do método e a técnica de análise, o instrumento de pesquisa selecionado foi um questionário, contendo nove

perguntas, elaborado com base nos objetivos específicos e nas hipóteses do estudo, a fim de servir como guia para a entrevista que será conduzida de forma semiestruturada. Por seguir uma abordagem qualitativa, os questionamentos realizados aos entrevistados podem ser complementados com questões específicas que conversem com as hipóteses colocadas pela pesquisa, reforçando o papel imaginativo e criativo do pesquisador (CRESWELL, 2007).

Com isso, o roteiro final de entrevistas contempla três blocos de perguntas. O primeiro tem o objetivo de compreender de forma ampla as percepções das entrevistadas sobre a educação financeira no Brasil, nas mulheres ao seu redor e nelas próprias. No segundo bloco, busca-se uma compreensão mais profunda da relação das entrevistadas com as finanças, investigando os fatores que influenciaram ou não no surgimento e na manutenção dessa interação. Por último, o conceito de independência financeira se torna objeto de pergunta, de forma a analisarmos como essa definição é percebida e interpretada pelas mulheres em suas distintas realidades.

3.4. Procedimentos de coleta e análise dos dados

Conforme mencionado anteriormente, o método de pesquisa adotado na presente pesquisa utilizou-se de entrevistas individuais e semiestruturadas, configurando-se como uma entrevista em profundidade (BAUER, GASKELL, 2008). Esse modelo permite a coleta de informações de forma que o entrevistador consiga perceber a “compreensão dos mundos da vida dos entrevistados” (Ibid., p. 65). Portanto, o modelo de registro deve ser realizado através de transcrição literal, preservando todos os aspectos que possam conter informações relevantes para a pesquisadora, como por exemplo, sinais que indicam emoções, entonações, pausas e outros.

As entrevistas individuais foram agendadas por meio de contato direto com as participantes, seja por e-mail ou por WhatsApp, e realizadas de forma remota, utilizando a plataforma Teams da Microsoft, com gravação em vídeo, ou presencialmente, com gravação em áudio. Para descrição dos relatos, as entrevistadas foram codificadas de E1 a E12 para garantir seu anonimato. Todos os registros foram feitos com o consentimento prévio das entrevistadas, indicada pela entrevistadora, e por meio da assinatura de um termo de consentimento dos objetivos da pesquisa.

Para a análise das informações coletadas nas entrevistas, empregou-se a técnica de análise de conteúdo levando em consideração as complexidades relacionais envolvidas. De acordo com Franco (2005), esta abordagem busca entender, através de métodos específicos, o significado subjacente às palavras utilizadas na entrevista, por meio de uma concepção crítica e categorizada da mensagem, delimitando e classificando os elementos que fazem parte do conjunto estudado. Desta maneira, as categorias utilizadas para análise serão desenvolvidas a partir da fala das entrevistadas, considerando como base a teoria analisada anteriormente (FRANCO, 2005).

Assim, será possível descrever, de forma mais completa e direcionada, a percepção feminina sobre a educação financeira no contexto brasileiro, relacionando tal percepção a temas diretamente ligados aos conhecimentos financeiros, experiências prévias na gestão do orçamento mensal, bem como perspectivas associadas à independência econômica. Com base nisso, serão estabelecidas nas categorias as principais similaridades e discordâncias entre as respostas, com o objetivo final de investigar como a educação financeira pode auxiliar a mulher a ter uma boa relação com as suas finanças e, por consequência, entender como isso se reflete na ideia de independência financeira das mesmas.

4 RESULTADOS

Antes de apresentarmos os resultados do presente estudo, é fundamental entender o perfil das 12 mulheres entrevistadas (Tabela 1). Embora a maioria tenha uma renda situada entre 2 e 4 salários-mínimos, percebe-se heterogeneidade na renda das respondentes (ao passo que uma entrevistada não possui nenhuma fonte de renda, há outra que ganha mais de 10 salários-mínimos). Tal diversidade de perfis também se reflete na escolaridade das participantes: 5 delas possuem graduação completa, 3 possuem graduação incompleta, 2 têm ensino médio completo e 2 possuem pós-graduação ou mestrado incompletos. Em relação à faixa etária, 4 entrevistadas têm entre 18 e 24 anos, outras 4 estão na faixa dos 25 aos 34 anos, 1 tem entre 35 e 44 anos, e 3 estão entre 45 e 60 anos.

Tabela 1: Perfil das entrevistadas.

	Renda	Escolaridade	Faixa Etária
E1	8 - 10 salários	graduação completa	45-60 anos
E2	até 1 salário	graduação incompleta	18- 24 anos
E3	2 - 4 salários	graduação incompleta	18- 24 anos
E4	5 - 7 salários	pós incompleta	25- 34 anos
E5	2 - 4 salários	graduação completa	25- 34 anos
E6	mais de 10 salários	mestrado incompleto	45- 60 anos
E7	2 - 4 salários	graduação completa	25- 34 anos
E8	até 1 salário	ensino médio completo	18- 24 anos
E9	2 - 4 salários	graduação incompleta	18- 24 anos
E10	2 - 4 salários	graduação completa	25- 34 anos
E11	8 - 10 salários	graduação completa	46- 60 anos
E12	não possui renda	ensino médio completo	35 - 44 anos

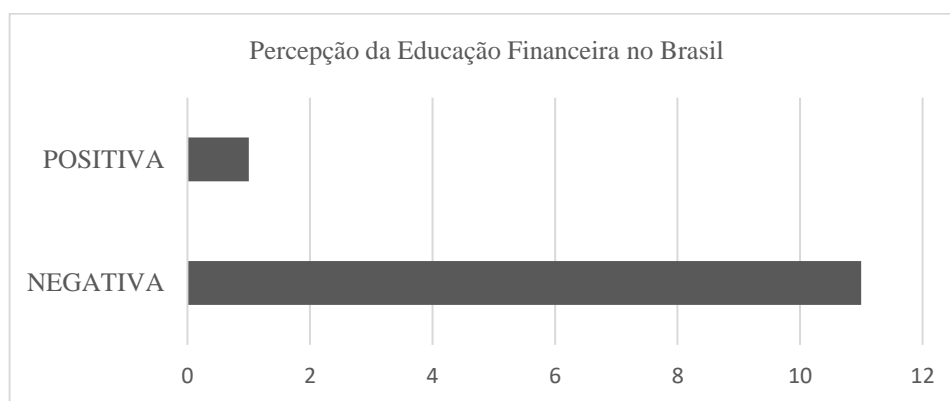
Fonte: De autoria própria (2023)

4.1. A percepção da educação financeira no Brasil

Durante as entrevistas realizadas, constatou-se que, de modo geral, a situação da educação financeira no Brasil é percebida de diferentes formas, apesar de majoritariamente negativa (Gráfico 1). Das doze entrevistadas, onze encaram esse tópico no Brasil de forma inteiramente desfavorável (exceto a entrevistada E4). Houve relatos de que, ao longo da vida escolar, pouca ou nenhuma ênfase foi dada à educação financeira, limitando-se a noções extremamente básicas, como a poupança, conforme mencionado por E1. Também foi destacado o fato de que as escolas públicas não proporcionam acesso a esse conhecimento, ao passo que

algumas escolas particulares, em contrapartida, introduzem/tangenciam o assunto, embora de maneira limitada (E5, E8, E9, E10). Essas constatações dialogam diretamente com a 17ª posição conquistada pelo Brasil no PISA 2018 (*Programme for International Student Assessment*), no qual estudantes de 20 países foram avaliados em relação ao conhecimento sobre finanças adquirido nas escolas (OCDE, 2019).

Gráfico 1: Percepção das entrevistadas sobre a educação financeira no Brasil entre positivo e negativo.



Fonte: De autoria própria (2023)

Tal fato configura uma defasagem no currículo escolar, que não acompanha as necessidades e demandas financeiras da sociedade atual. Conforme colocado pela Entrevistada 5, o assunto é tratado de forma superficial nos moldes de ensino, geralmente abordado apenas até os conceitos de multiplicação e divisão nas aulas de matemática. Apesar de nenhum dos modelos de escola, seja pública ou particular, apresentar grandes esforços no tema, as escolas públicas, de acordo com as entrevistadas, enfrentam um cenário pior. Essa discrepância, mesmo que pequena, acentua cada vez mais a desigualdade no acesso ao conhecimento financeiro, visto que 85,5% das crianças brasileiras estão matriculadas em escolas públicas (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

A Entrevistada 3 complementa ainda que não vê muitos incentivos nem projetos voltados para melhoria deste cenário. Essa fala (aliada aos outros pontos mencionados no Referencial Teórico do presente artigo, seção 2.1) indica que mesmo com a implementação da Base Nacional Comum Curricular, em 2017, que prevê a educação financeira como um tema a ser abordado nas salas de aula, esse assunto ainda não é percebido nas escolas no cenário nacional. No entanto, os relatos também destacam esforços isolados, tais como projetos em comunidades carentes e em algumas escolas particulares, buscando disseminar o conhecimento de educação financeira para pessoas que não tiveram acesso a ela (E9, E5).

A falta de incentivo nas escolas resulta na carência de educação financeira, contribuindo para a falta de controle e organização financeira, levando muitas pessoas a gastarem além de suas possibilidades e acumularem dívidas, como pontuado pelas Entrevistadas 4, 7 e 8. A Entrevistada 7 complementa, juntamente com a Entrevistada 9, que o desconhecimento sobre juros, cartões de crédito e outros aspectos financeiros básicos também é apontado como causa para o endividamento e a falta de planejamento financeiro básico para as necessidades diárias. Tais falas ilustram a preocupante situação enfrentadas pelos brasileiros: a cada 100 famílias, 78 estão endividadas de acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (2022).

Apesar disso, a Entrevistada 1 aponta as redes sociais como uma alternativa a essa carência levando em consideração sua facilidade de entrada e acessibilidade do conteúdo disponível, pontos que favorecem a autonomia da pessoa no seu aprendizado. Ela reafirma a ideia com a seguinte frase: “com o advento das redes sociais, da internet invadindo todo o mundo, é que você realmente tem um alcance e consegue obter algum conhecimento por conta própria”. No entanto, a entrevistada 7 oferece uma nova perspectiva ao destacar que, devido às redes sociais e à crescente falta de conhecimento das pessoas em relação à educação financeira, os golpes estão se tornando mais frequentes em diversas formas. Um exemplo disso são os cursos que prometem enriquecimento sem esforço em um período impossível de ser alcançado.

Outro aspecto relevante discutido durante as entrevistas foi o papel do ensino superior na provisão de educação financeira. Tanto E9 quanto E10 compartilharam suas perspectivas sobre suas experiências universitárias nesse tema. Na faculdade de Administração, a Entrevistada 10 percebeu que a abordagem da educação financeira era bastante superficial. Foi somente após concluir sua graduação que ela decidiu buscar um estudo mais aprofundado sobre finanças e o mercado financeiro por iniciativa própria. Por outro lado, a Entrevistada 9 destaca que sua faculdade de Ciências Econômicas foi significativa para sua formação no campo das finanças: "pelo menos no meu curso, começamos a explorar e aprofundar o assunto". Como citado anteriormente, cursos como Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas tendem a impactar positivamente na interação com as finanças (AMADEU, 2009). Embora ambos os cursos tenham uma relação próxima com questões financeiras, apenas um deles teve um impacto positivo na relação da entrevistada com a temática.

É válido ainda destacar que, segundo E7, há uma perspectiva distinta que explica a falta de proximidade das pessoas com a educação financeira no país. Essa percepção desfavorável é razão do sistema econômico e político nacional, que não favorece amplo acesso e debate do

tema. No contexto brasileiro, devido à extensão territorial, é necessário ter leis rigorosas e detalhadas sobre tributação e impostos, o que torna a questão financeira ainda mais complexa. Essa complexidade, por sua vez, pode dificultar a capacidade das pessoas de lidar de forma adequada com o dinheiro. A existência de instituições e obrigações fiscais, como o INSS e a retenção de impostos na fonte, frequentemente é percebida como algo complicado, o que gera insegurança e apreensão. É importante ressaltar que não há uma oposição ao pagamento de impostos, mas sim uma preocupação com a falta de democratização e transparência na sua aplicação, o que pode afetar especialmente aqueles que estão iniciando suas carreiras e têm maior contato com essas questões, afastando de vez as pessoas do assunto.

Em suma, a educação financeira no Brasil é retratada pelas entrevistadas com base em suas experiências escolares e observações atuais como precária, por ora inexistente, defasada, falha e superficial. Os depoimentos refletem uma percepção generalizada de que a educação financeira no país é insuficiente, especialmente nas escolas públicas. A falta de estímulo, a ausência de conteúdo adequado no currículo escolar e a falta de conhecimentos básicos sobre finanças contribuem para a desinformação e a dificuldade em lidar com dinheiro de maneira consciente e sustentável. Esse desconhecimento gera medo e insegurança na maioria das pessoas, impactando até mesmo a capacidade de aproveitar de forma autônoma os conhecimentos disponíveis através das redes sociais e outros meios. É importante observar que, apesar das ideias semelhantes, a maioria das entrevistadas trouxe contextos distintos de suas vivências enquanto mulheres, os quais serão explorados mais aprofundadamente no decorrer do próximo capítulo.

4.2. A percepção e a relação das mulheres com o dinheiro

Para compreender de maneira mais aprofundada a relação das mulheres com o dinheiro e como ela se constrói, é necessário avaliar alguns aspectos, tais como a percepção das mulheres ao seu redor, a influência familiar, o processo de tomada de decisão e a motivação para a obtenção desse conhecimento. Por isso, a investigação terá início com a compreensão da base da relação pessoal das entrevistadas com as finanças. Em seguida, será avaliada a influência familiar e de figuras masculinas próximas no processo de tomada de decisão. Por último, é importante compreender as barreiras que impedem as mulheres de conquistarem pleno conhecimento em educação financeira.

4.2.1. Relação pessoal da mulher com o dinheiro

Antes de identificar a relação pessoal de cada entrevistada com o dinheiro, foram analisadas suas percepções gerais, levando em consideração principalmente as figuras femininas ao seu redor. Assim, foi possível perceber que a relação das mulheres com as finanças tem passado por transformações significativas ao longo dos anos. As gerações mais antigas não falavam sobre o assunto e dependiam dos maridos para cuidar dos aspectos financeiros do lar, com pouca ou nenhuma participação ativa (E1, E2). No entanto, à medida que as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho, surgiram movimentações em busca de mais informações, levando em consideração a maior exposição a instituições financeiras, como indicado pelas Entrevistadas 1 e 2.

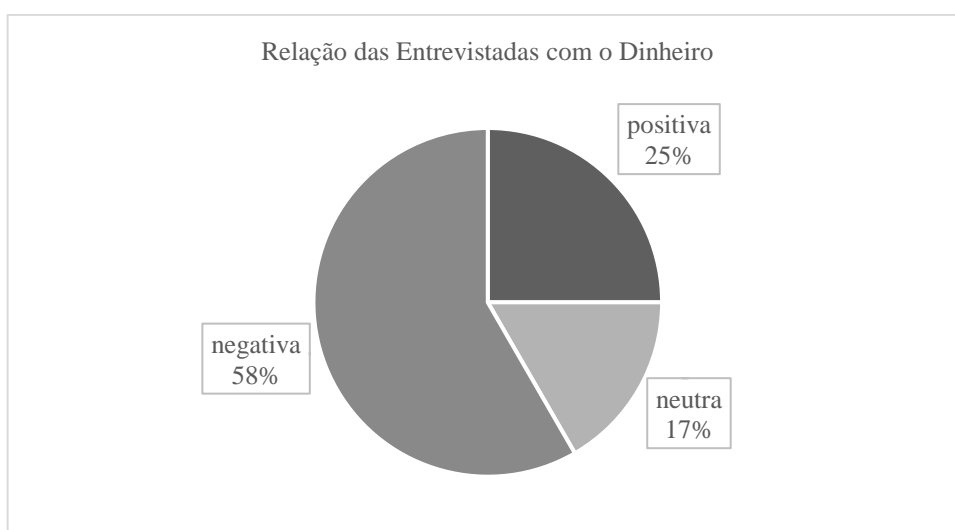
A ideia de que as finanças eram responsabilidade exclusiva do homem começou a ser parcialmente quebrada, mas, ainda assim, há forte relação de dependência da figura masculina na atualidade (E1, E3, E5, E11, E12). De acordo com a Entrevistada 6, por exemplo, apesar das mudanças, ainda não é comum ver mulheres falando sobre dinheiro, ao passo que a Entrevistada 9 complementa que, em seu entendimento, o conhecimento financeiro da maioria das mulheres é extremamente baixo. Esses pontos podem ser reforçados pela percepção compartilhada das entrevistadas (E2, E3, E5, E6, E9, E10, E11) de que a sensação de incapacidade e dificuldade de lidar com o dinheiro advém de uma insegurança extrema e medo do assunto.

É importante reconhecer que a relação das mulheres com o dinheiro também é influenciada por questões culturais e sociais mais amplas (EDWARDS, ALLEN, HAYHOE, 2007). Ainda existe um certo tabu em relação ao tema, e esse silêncio em torno do assunto pode reforçar o sentimento de medo e dificultar o acesso a informações e recursos financeiros. Além disso, a pressão estética e o consumismo exercem influência na construção dessa relação, uma vez que o impacto financeiro é maior no orçamento feminino do que no masculino, conforme mencionado pela Entrevistada 7. Ademais, a Entrevistada 4 destaca, ao longo do seu depoimento, que há uma questão social em que a mulher prioriza o cuidado das pessoas ao redor, um tópico que também influencia diretamente sua interação com o dinheiro. Apesar disso, as novas gerações vêm transformando o acesso à informação através das oportunidades criadas pelo ambiente digital e as novas tecnologias.

Tais perspectivas reforçam impressões que as entrevistadas têm de mulheres ao seu redor, mas não deixam de refletir sua experiência pessoal com o assunto. O gráfico a seguir (Gráfico 2) apresenta um panorama geral da relação das entrevistadas com o dinheiro. Das 12

entrevistadas, 3 demonstraram uma relação positiva, valorizando o dinheiro de forma equilibrada e consciente. Por outro lado, 2 entrevistadas tiveram uma relação neutra, sem demonstrar fortes preocupações ou questões. Por fim, 7 entrevistadas apresentaram uma relação negativa, com preocupações, falta de planejamento ou dificuldades financeiras. Essa diversidade de atitudes reflete a complexidade das relações individuais de cada uma com o dinheiro.

Gráfico 2: Avaliação pessoal das entrevistadas sobre sua relação com o dinheiro.



Fonte: De autoria própria (2023)

Examinando a parcela que considera ter um bom vínculo com as finanças, percebe-se fortemente a necessidade de seguir por um caminho inverso aos exemplos que receberam. Ao longo de suas falas, a Entrevistada 3 comenta sobre o medo de sua mãe e como essa sensação tirava dela o controle sobre o próprio dinheiro. Já a Entrevistada 5 fala sobre a sensação de pobreza experimentada por sua mãe e a vontade de seguir um caminho diferente das suas gerações antigas. A Entrevistada 10 também complementa sobre o desconhecimento dos seus pais sobre o assunto. De maneira conjunta, as três representam a parcela da nova geração, citada anteriormente, que busca espaço no assunto da educação financeira: possuem renda individual entre 2 e 4 salários-mínimos, idade entre 18 e 35 anos e graduação em andamento ou completa.

Apesar das boas relações, foram pontuados extremos pelas Entrevistadas 3 e 5, como guardar demais, passar por privações e sentir, desde cedo, o peso das responsabilidades nas decisões financeiras. Esses sinais evidenciam a diversidade de percepções que envolvem o assunto. Embora a relação seja positiva, poderia ser mais equilibrada e livre de extremos. Ainda descrevendo uma relação positiva, a Entrevistada 10 menciona uma trajetória gradual de aprendizado em relação às finanças: foi na faculdade - ambiente também citado pela

Entrevistada 3 como um ponto de contato com as finanças - que ela aprofundou seus conhecimentos sobre o mercado financeiro e conceitos mais técnicos. Sua interação com o assunto ocorreu de maneira prática devido à vida acadêmica e ao seu trabalho na área financeira.

Em consonância às ideias apresentadas, a perspectiva neutra apontada pela Entrevistada 1 baseia-se no reconhecimento de que sua abordagem financeira não é ideal, mas atende às suas necessidades e desejos. Ela entende suas falhas em relação ao planejamento e conceitos básicos de educação financeira, admitindo que sua falta de aprimoramento se deve à baixa motivação e ao cansaço decorrente da rotina corrida e da conciliação de afazeres domésticos com trabalho. Essas responsabilidades influenciam diretamente na divisão atual do trabalho, sobrecarga feminina e, por conseguinte, vínculo com as finanças (SOUSA, GUEDES, 2016). A Entrevistada 6 apresenta um relato similar: inicialmente sua relação foi pesada e angustiante porque sempre pensava se na melhor escolha, a mais eficiente, a mais barata. Tal questão foi mudando e se tornou mais leve com a idade, quando trocou a ideia de preço por valor, mas, apesar disso, também não se aprofunda no assunto pelos mesmos motivos da Entrevistada 1.

Com base nas narrativas apresentadas, pode-se aprofundar o discurso das entrevistadas, que trazem exemplos do seu cotidiano, e entender diversos aspectos que contribuem para a dinâmica negativa com o dinheiro (E2, E4, E6, E7, E9, E11, E12). Inicialmente, é possível inferir que a falta de educação financeira é uma questão recorrente, os depoimentos relatam a ausência de orientação sobre como lidar com o dinheiro desde a infância, tanto no ambiente escolar quanto familiar. Além disso, foi mencionada a influência de modelos familiares problemáticos em suas atitudes em relação às finanças. Exemplos de comportamentos irresponsáveis, falta de planejamento e priorização de gastos supérfluos foram citados pelas entrevistadas 4, 7 e 9 como padrões que se repetiram em suas famílias.

Esses exemplos negativos e a presença de instabilidade financeira nas relações familiares contribuem para uma associação negativa com o dinheiro, tal como a sensação de insegurança e o receio de assumir riscos financeiros. Assim, os cenários mencionados revelam que a relação negativa da mulher com o dinheiro relaciona-se à falta de educação financeira, influências sociais e familiares negativas, além dos estereótipos de gênero presentes ao redor do tema. Esses elementos contribuem para a insegurança, dificuldade em tomar decisões financeiras assertivas e a dependência financeira de terceiros.

Em síntese, cada entrevistada demonstra uma compreensão única sobre suas finanças. Existem relações negativas, marcadas por dependências financeiras e dificuldades familiares

que retratam a maioria das entrevistadas resumindo sua relação com o dinheiro como insegura, receosa, dolorida e delicada. Aquelas que ainda estão no processo, entretanto, se sentem receosas por motivos tais como falta de conhecimento e representatividade feminina. Por outro lado, há aquelas que tiveram o privilégio de vivenciar uma relação responsável, com controle e planejamento, permitindo a construção de uma boa relação financeira ao longo do tempo. Tais cenários tornam possível constatar que a interação da educação financeira com o público feminino é conflituosa, acompanhada de insegurança e, muitas vezes, sendo reflexo do ambiente familiar, aspecto este que será explorado a seguir.

4.2.2. Influência familiar na relação da mulher com o dinheiro

De acordo com as entrevistadas, tem-se um cenário bem dividido em relação à iniciativa de falar sobre dinheiro dentro do ambiente familiar. Sete entrevistadas (E1, E5, E7, E9, E10, E11, E12) afirmam que suas famílias não tinham esse costume, ao passo que cinco entrevistadas (E2, E3, E4, E6, E8) comentam que suas famílias tratavam desse assunto ativamente em casa. Considerando os exemplos em que o tema da educação financeira era abordado, apenas assuntos como planejamento e poupança ganhavam espaço. Os ensinamentos aconteciam majoritariamente de modo informal, e seu principal objetivo era que os filhos se preparassem para momentos de dificuldade por meio do ato de poupar.

As famílias que optavam por não abordar assuntos financeiros em casa muitas vezes o faziam por falta de conhecimento ou recursos. Algumas delas, como relatado pela Entrevistada 12, viviam em situações de extrema pobreza, o que tornava o dinheiro um tema praticamente inexistente, já que não havia recursos para serem discutidos ou gerenciados. Por outro lado, existiam famílias que tratavam o dinheiro como um segredo, um assunto a ser evitado, como evidenciado pelas Entrevistadas 7, 9 e 11. Essa postura pode ser atribuída a diversos fatores, como tabus, vergonha ou até mesmo insegurança.

Embora não considere seu conhecimento formalizado dentro de casa, a Entrevistada 5 apresenta um contraponto relevante. Apesar de sua família não ter transmitido uma educação formal sobre finanças, ela encontrava um exemplo no seu pai, mencionado anteriormente por sua disciplina financeira exemplar. Seu pai trazia para o ambiente familiar desabafos sobre decisões que impactariam a todos, como a compra de um novo carro, os quais lhe proporcionaram uma noção financeira desde cedo, aspecto que foi crucial para sua boa relação com o dinheiro. Um cenário semelhante é apontado pela Entrevistada 3, que se sente estimulada

e enxerga seu pai como um exemplo devido ao comprometimento dele com seus objetivos financeiros.

Por outro lado, os relatos que citam a ausência de discussões sobre dinheiro dentro do ambiente familiar revelam consequências significativas tais como relações difíceis e associação do dinheiro a brigas e discussões. A Entrevistada 7, por exemplo, expressou que “parecia que era um assunto proibido”, transmitindo a sensação de estigma em torno do dinheiro em sua família. A Entrevistada 11 também pontua: “Não eram nem conversas muito amigáveis. Eu via muitas brigas”. Por sua vez, a Entrevistada 9 destacou o fato de que o dinheiro era tratado como um segredo, o que dificultava ainda mais o diálogo entre os membros da família. Essa falta de clareza e entendimento pode levar a decisões financeiras inadequadas, dificuldades em lidar com as finanças pessoais e até mesmo a problemas mais graves, como dívidas e dificuldades financeiras.

Analisando todos os depoimentos, é importante considerar a diferença socioeconômica entre as entrevistadas. Algumas relatam explicitamente que seus pais tinham uma situação financeira mais confortável e forneciam tudo o que era necessário (E7, E10), enquanto outras enfrentaram uma infância com recursos financeiros limitados (E12, E6). Essa discrepância pode influenciar nas atitudes e percepções em relação ao dinheiro, incluindo a busca por segurança financeira ou a tendência a ter uma mentalidade menos conservadora.

Outro aspecto relevante para a análise do presente artigo é que, dentro do cenário familiar, os homens ocupam um lugar de destaque como exemplos e disseminadores de assuntos financeiros em casa (E1, E3, E4, E5, E9, E11). Eles são considerados provedores e são vistos como comprometidos e disciplinados com o dinheiro fornecendo a tão procurada sensação de segurança. Pais, maridos e namorados se tornam referências e fontes de aconselhamento, deixando a figura feminina em segundo plano nesse assunto. Em um desabafo, a Entrevistada 9 compartilhou a seguinte frase: "A minha mãe nunca trouxe esse assunto. Ela tem mais confiança no meu namorado para investir o dinheiro dela do que comigo". Em suas declarações, sete mulheres afirmam claramente que consultam figuras masculinas próximas para tomar algumas ou todas as suas decisões financeiras, esse fato reforça que o gênero masculino possui maior domínio do assunto partindo, principalmente, do seu processo social de criação que incentiva o contato com esse tema (EDWARDS, ALLEN, HAYHOE, 2007).

Em suma, é evidente que a influência da família na relação das entrevistadas com o dinheiro é diversificada e não segue um padrão único. Os ensinamentos transmitidos estão

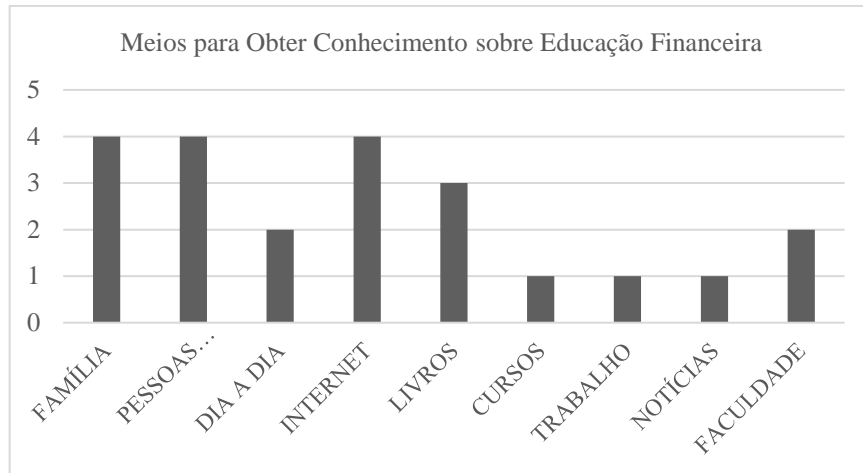
restritos a assuntos básicos como poupar e planejar, refletindo a realidade de uma sociedade brasileira com baixo conhecimento financeiro. Também é importante considerar que mesmo nas famílias que abordam o assunto, sentimentos como insegurança ainda fazem parte do discurso das entrevistadas. Tal fato só é reforçado em ambientes nos quais o assunto é rejeitado é tratado como um estigma, criando um ambiente cada vez mais hostil e negativo quando se fala de dinheiro. Esse cenário é preocupante, levando em consideração que as entrevistadas serão possíveis multiplicadoras do tema em suas atuais ou futuras famílias, ambiente que deveria ser seguro e encorajador para abordar o assunto, rompendo as barreiras do medo e insegurança associados ao tópico.

4.2.3. A mulher e o nível de conhecimento sobre educação financeira

Para entender de forma mais completa como, de fato, é construída a relação entre as mulheres e a educação financeira, se faz necessário compreender sua percepção sobre seus conhecimentos e a origem deles. Os depoimentos revelam uma variedade de níveis de conhecimento financeiro entre as participantes: das 12 entrevistadas, 7 consideram seu conhecimento básico, 4 se avaliam de forma mediana e apenas uma acredita ter conhecimento avançado. As que possuem um conhecimento básico relatam que este foi adquirido por meio de conversas com os pais, trocas com o cônjuge e experiências cotidianas (E1, E7, E8, E12). Para elas, conceitos simples como divisão de contas, organização e estabelecimento de limites mensais são compreendidos, mas não possuem domínio além disso.

Por outro lado, algumas entrevistadas demonstram um conhecimento mais amplo e um interesse ativo em aprender sobre finanças. Elas buscam informações por meio de influenciadores e produtores de conteúdo especializados, tais como Natália Arcuri, Tiago Nigro e Nat Finanças (E2, E3, E4, E5, E9). Algumas delas também se envolvem em cursos, leituras de livros e pesquisas na internet para aprimorar seu conhecimento (E2, E4, E5). Algumas entrevistadas também mencionam que sua formação acadêmica, em relação ao conteúdo e a troca com outros alunos, foi um pilar importante para o interesse e aprendizado em finanças (E3, E9, E10). O gráfico 3 condensa a frequência em que os meios sinalizados para obtenção do conhecimento sobre educação financeira foram citados. A família, o contato com pessoas próximas e conteúdos divulgados na internet como vídeos, podcasts e perfis no Instagram são os mais comuns e importantes no processo de acordo com as entrevistadas.

Gráfico 3: Meios citados pelas entrevistadas para obter conhecimento sobre educação financeira.



Fonte: De autoria própria (2023)

Apesar de criadoras de conteúdo terem sido citadas, ainda é um desafio ver figuras femininas em local de destaque, visto que, o mundo das finanças ainda é considerado como um local masculino. Esse desequilíbrio de gênero é resultado de uma série de fatores históricos, culturais e estruturais que moldaram a percepção e a participação das mulheres no campo financeiro. Tal ponto foi colocado pela Entrevistada 9 quando ela relata não se ver representada nesse universo, assim como também apontado pela Entrevistada 10 na fala a seguir:

“É muito legal quando nessas partes de consulta você acha uma mulher falando sobre... motiva! É muito legal ver elas (sic) se destacando, conversando o que normalmente a gente vê como papos de homem, não é? Ainda é bem raro infelizmente.” (E10)

É importante analisar também a motivação das entrevistadas em relação à aquisição ou manutenção de conhecimento atualizado. Mesmo aquelas com um domínio maior do assunto reconhecem que há ainda muito a aprender e aprofundar, principalmente em áreas específicas como investimentos e mercado financeiro (E5, E6, E10). Em complemento, outras reconhecem que sua curiosidade e busca por informações as impulsionam a continuar aprendendo e se aprimorando (E2, E4, E9). Mas, em contrapartida, algumas se sentem cansadas e desmotivadas devido à rotina corrida e às crescentes demandas do dia a dia (E2, E4, E7, E9).

Ampliando a perspectiva sobre as relações financeiras, a Entrevistada 5 revela um aspecto importante das dinâmicas de poder e hierarquia dentro de um relacionamento afetado por diferenças salariais. Ela compartilha sua experiência de ter renda e conhecimento superior ao marido e como isso influenciou seu comportamento em relação às decisões financeiras

domésticas. A Entrevistada reconhece que, devido à sua posição de poder financeiro, adotou uma postura opressora em casa, impondo suas preferências e negando ao marido a possibilidade de realizar certas decisões financeiras. Ela menciona que o dinheiro está intrinsecamente ligado ao poder e que essa dinâmica pode ocorrer dentro dos relacionamentos, fato que reforça a importância de as mulheres possuírem cada vez mais conhecimento e autonomia do assunto para evitar dependências e situações similares.

Após analisar o nível de conhecimento das mulheres em relação à educação financeira, constata-se que a maioria delas considera seu conhecimento como básico, o que é condizente com a realidade da maioria das mulheres no Brasil. Além disso, verificou-se que o principal meio de obtenção desse conhecimento é por meio de influência familiar e pessoas próximas, sendo a figura masculina a mais predominante nesse processo. As entrevistadas também apontaram a internet como uma fonte importante de conhecimento, destacando a facilidade de acesso a conteúdos online gratuitos. No entanto, apesar desta acessibilidade, a motivação para buscar e disseminar a educação financeira ainda representa um desafio, dado que muitas mulheres demonstram desinteresse pelo assunto e, principalmente, sentem-se sobrecarregadas devido às múltiplas responsabilidades que recaem sobre elas.

4.3. Significado de independência financeira para as mulheres

O último bloco de perguntas do questionário semiestruturado objetivou compreender, de maneira mais aprofundada, a percepção das mulheres em relação à independência financeira. Para isso, realizou-se uma investigação minuciosa desse tópico durante as entrevistas e os pontos apresentados foram comparados com as definições delineadas na seção 2.3 do Referencial Teórico, buscando compreender a aplicabilidade desses conceitos na vida cotidiana das mulheres. Essa abordagem permitiu uma análise mais abrangente e contextualizada das experiências e perspectivas das entrevistadas em relação à sua ideia de autonomia financeira.

Em relação à percepção de independência financeira das entrevistadas, percebe-se que ideias como liberdade, conforto e poder de escolha estão presentes em todos os discursos. Tais falas são reflexo de diferentes perspectivas e experiências que influenciam na importância desse conceito para cada mulher entrevistada, assim como suas aspirações e desafios relacionados a alcançá-lo. Ao mesmo tempo, sensações de não depender de alguém e de não ter preocupação com o dinheiro também aparecem de forma marcante para todas as entrevistadas.

O tópico, como já discutido anteriormente, apresenta diversos significados e foi endossado pelas entrevistadas. De acordo com o autor do livro “A Psicologia do Dinheiro”, independência financeira, de forma resumida, é o poder de ter opções e alternativas de escolha (HOUSEL, 2021). Essa concepção é claramente reforçada nas falas das entrevistadas 1, 3, 7, 9, 11 e 12, que destacam a importância de haver autonomia em relação às finanças e o desejo de tomar decisões com base nos próprios valores, objetivos e necessidades, sem depender de terceiros ou de circunstâncias financeiras.

“É realmente eu ter a liberdade de decidir o que eu quero fazer e o que eu não quero fazer dentro das minhas possibilidades financeiras... entendeu? E só depender da minha decisão” (E1)

“Pra mim, independência financeira é poder fazer essas escolhas em relação ao rumo da minha própria vida” (E3)

“Independência financeira é quando você tem liberdade, quando você pode tomar as decisões, as rédeas da sua vida. Pra mim, é não ficar refém de um lugar, de um trabalho e nem de pessoas” (E7)

“Independência pra mim é basicamente poder. Poder viajar, comprar o que eu quero, sair para algum lugar. No geral, também inclui a ideia de não precisar que os outros me ajudem, é não precisar da opinião dos outros também. É independência emocional, se eu quiser me separar, fazer qualquer coisa, eu sei que vou conseguir me bancar, me sustentar” (E9)

“Se eu quiser ajudar uma pessoa da família, ou coisas assim eu posso. Eu não dependo de ficar pedindo, sabe? (...) É muito bom a gente ter nosso dinheiro, a nossa independência financeira, nossa liberdade de escolha no dia a dia” (E11)

“Pra mim, independência financeira é não depender de ninguém pra nada, é o que eu tento passar pra minha filha, quero que ela tenha o dinheirinho dela e possa fazer suas escolhas” (E12)

De forma complementar ao conceito, apenas a abordagem da Entrevistada 2 destaca a ideia de fazer o dinheiro trabalhar para si. Essa perspectiva está alinhada com a visão de Gustavo Cerbasi, autor destaque na área de finanças pessoais citado anteriormente. Segundo ele, em sua definição mais recente, a independência financeira é alcançada quando uma pessoa acumula uma quantidade de recursos suficientes para gerar uma renda capaz de suprir suas necessidades básicas. Isso significa que, uma vez atingido esse patamar, a pessoa não precisa mais trabalhar por obrigação, mas sim por escolha.

“Independência, para mim, no futuro, tem muito a ver com esse plano que eu disse de viver de renda, então fazer com que o dinheiro trabalhe pra mim e não eu para ter dinheiro” (E2)

Em uma terceira via, Kiyosaki (2000) acrescenta que a independência financeira é um conceito que envolve a segurança de uma pessoa em relação à sua sustentabilidade financeira, intimamente ligada à capacidade de se manter financeiramente estável mesmo sem a renda proveniente do trabalho. Uma maneira de medir essa independência é através da pergunta: "Por

quanto tempo eu poderia sobreviver se parasse de trabalhar hoje?". Isso significa que, se uma pessoa tiver acumulado recursos financeiros suficientes para cobrir suas despesas básicas, como moradia, alimentação, saúde e outros gastos essenciais, ela terá atingido um certo nível de independência financeira. Tal ideia é reforçada na fala das entrevistadas 3, 4 e 10, porém a ideia de tempo é variável.

“Independência financeira, pra mim, vai ser o dia que eu puder escolher de fato com que eu vou estar trabalhando. Se eu vou trabalhar, é o momento que eu me sinto segura de que eu não vou depender de ninguém” (E3)

“Independência financeira para mim é não depender de uma única fonte de renda e conseguir ter uma grana para viver por pelo menos um ano. Se eu decido amanhã que eu não quero trabalhar aqui, tudo bem, eu tenho ali um ano de segurança” (E4)

“Cara, a independência financeira seria não se preocupar com passar um ano sem trabalhar e ainda assim poder viver bem” (E10)

Em adição às definições mencionadas anteriormente, Dychtwald e Larson (2011) apresentam uma outra perspectiva sobre a independência financeira feminina. As autoras enfatizam que o estado de autonomia financeira para as mulheres é alcançado quando elas não têm mais preocupações financeiras diárias e desfrutam de uma condição confortável que lhes permita investir em seu próprio futuro. Essa perspectiva também destaca a importância da liberdade de escolha que é possibilitada quando as necessidades básicas estão garantidas, especialmente aquelas que oferecem segurança às mulheres. Ter a segurança financeira necessária para cobrir despesas essenciais, como moradia, alimentação, saúde e educação, permite que as mulheres tenham mais liberdade para tomar decisões sobre suas carreiras, famílias e projetos pessoais.

“É ter conforto no sentido de alimentação e qualidade de vida, pra mim isso já é independência. Ter a alimentação e a moradia asseguradas pra mim configura minha independência. O que vem depois, que é a realização dos meus sonhos, aí é benefício. E vejo isso como uma realidade na minha vida” (E5)

“Independência financeira pra mim é o que eu tenho hoje, é não precisar ficar fazendo conta de despesas simples. É eu poder no meu dia a dia ter pequenos agrados ou realizar meus pequenos desejos sem fazer conta” (E6)

A ideia defendida pelas autoras é retratada nitidamente na fala das Entrevistadas 5 e 6 e ambas afirmam já ter atingido a independência financeira. Essa ideia ressalta que a independência financeira feminina não se trata apenas de alcançar estabilidade financeira no presente, mas também de criar bases sólidas para um futuro mais promissor. É um processo contínuo de empoderamento financeiro, no qual as mulheres assumem o controle de suas vidas econômicas e garantem melhores condições para si mesmas e para as gerações futuras. É um

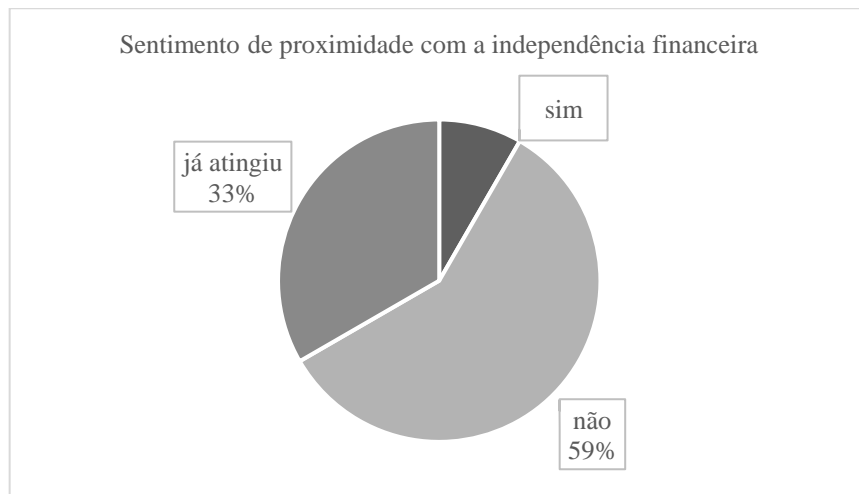
pouco distante da realidade de ter plena independência econômica no sentido de conseguir viver de rendimentos com a possibilidade de não trabalhar, mas é a realidade mais próxima da situação de todas as entrevistadas.

Em suas falas, todas buscam liberdade de escolha, conforto e boas condições, mas apenas uma ousou cogitar viver sem trabalhar por mais de um ano. Isso destaca a visão financeira mais restrita que reside na realidade das mulheres na qual viver de renda não é nem uma opção seja por falta de conhecimento de como atingir esse objetivo ou falta de confiança em ser uma realidade possível. Mesmo com a diversidade de situações vivenciadas pelas mulheres, a maioria reforça o quão importante é ter a plena garantia das suas — e muitas vezes da família — necessidades básicas para alcançar a segurança e iniciar o processo de liberdade de escolha. Nesse caso, a independência é um processo contínuo de empoderamento financeiro, no qual as mulheres assumem o controle de suas vidas econômicas e garantem melhores condições para si mesmas e para as gerações futuras.

Em resumo, os relatos destacam diferentes perspectivas sobre o significado da independência financeira para as mulheres. Para algumas, a independência financeira significa não depender de outras pessoas para suas necessidades básicas e poder tomar decisões financeiras de forma autônoma. Para outras, a independência financeira está associada à capacidade de viver de uma renda passiva e ter liberdade de escolha sobre o trabalho. A ideia também é vista como a capacidade de realizar sonhos, ter tranquilidade e não se sentir limitada pelo dinheiro. Além disso, há uma forte conexão entre independência financeira e segurança, ilustrada no constante desejo de suprir as necessidades econômicas do dia a dia.

Ademais, a discussão sobre os desafios enfrentados para alcançar a independência financeira ganha destaque, abordando questões como a necessidade de adquirir conhecimento sobre finanças, a importância de planejar para o futuro e a busca por fontes adicionais de renda. Ao analisar as percepções das entrevistadas sobre a proximidade da sua realidade com a independência financeira, observa-se que a maioria expressa ainda estar em processo de conquista, enquanto algumas afirmam já tê-la alcançado total ou parcialmente, como indicado pelo Gráfico 4.

Gráfico 4: Percepção das entrevistadas sobre a proximidade com a independência financeira



Fonte: De autoria própria (2023)

É interessante notar que das quatro entrevistadas que afirmam ter atingido a independência financeira, três possuem nível mais elevado de escolaridade, idade e renda. A Entrevistada 1 e a Entrevistada 11 apresentam graduação completa, idade entre 45 e 60 anos e sua renda hoje é de 8 a 10 salários-mínimos. Já a Entrevistada 6 possui mestrado em andamento, idade entre 45 e 60 anos e renda superior a 10 salários-mínimos. Essa relação reforça a ideia de que a independência financeira é construída ao longo do tempo, com base em uma combinação de educação e experiência que resultam em melhores situações financeiras nos casos em questão.

Após analisar as diferentes perspectivas das entrevistadas sobre o significado de independência financeira, podemos concluir que existem alguns elementos em comum. Entre eles estão a busca por autonomia, liberdade de escolha, segurança financeira e a importância de não depender de outras pessoas. Além disso, foi observado que, para as mulheres, a independência financeira está diretamente relacionada a questões de segurança básica que são essenciais para o desenvolvimento de suas atividades diárias. Essa constatação reforça a ideia apresentada por Dychtwald e Larson (2011) de um conceito específico de independência financeira para as mulheres, no qual a satisfação das necessidades financeiras diárias é a base fundamental. Para as mulheres, a conquista da independência financeira envolve ter recursos suficientes para suprir suas necessidades básicas e garantir uma sensação de segurança e estabilidade. Portanto, pode-se afirmar que a independência financeira para as mulheres não se aproxima muito da acumulação de riquezas e sim, de ter as necessidades básicas e a possibilidade de escolha garantidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo examinar a construção e o desenvolvimento da relação das mulheres com o dinheiro respondendo a seguinte pergunta: Quais efeitos têm a educação financeira para mulheres na sua relação com o dinheiro? Para isso, foram entrevistadas doze mulheres com diferentes realidades sociais, faixas etárias, níveis de renda e escolaridade. Além disso, foram abordados assuntos relacionados ao contexto histórico das mulheres no mundo das finanças, o papel desempenhado pela figura masculina nesse processo e as diversas influências que podem criar obstáculos para a obtenção da educação financeira por parte das mulheres.

Após minuciosa análise das respostas obtidas nas entrevistas, constatou-se que, embora tenha havido avanços recentes em relação ao tema das finanças, a educação financeira no país parece não receber a devida ênfase e atenção. As experiências escolares contemporâneas são frequentemente percebidas como precárias e superficiais, resultando no desinteresse crescente pelo assunto e no desafio cada vez maior de disseminar efetivamente conhecimentos financeiros. A falta de uma abordagem abrangente e apropriada dentro das instituições educacionais contribui para a formação de uma sociedade com baixo nível de conhecimento financeiro, prejudicando a capacidade das mulheres de desenvolverem habilidades e atitudes positivas em relação ao dinheiro.

Quanto à percepção da relação com o dinheiro em si, a maioria relata relações negativas, consequências de uma dependência financeira devido à falta de conhecimento. Sentimentos como insegurança, medo e receio foram expressos por todas as entrevistadas, mesmo aquelas que têm hoje uma boa interação com as finanças. A família e pessoas próximas são percebidas como os principais influenciadores nesse assunto, responsáveis por transmitir conceitos básicos como poupar e planejar, refletindo uma sociedade que carece de educação financeira.

O tema, muitas vezes, é visto como um estigma e, mesmo quando abordado de forma saudável, torna-se um fardo. Falar sobre dinheiro é um desafio para todos, e isso afeta de forma mais intensa a figura feminina, considerando o contexto histórico em que as mulheres têm distanciamento dessa temática. Observou-se também que a maioria das entrevistadas considera seu conhecimento financeiro como básico, e entre os fatores que contribuem para isso, estão a falta de motivação e o cansaço decorrente das intensas rotinas para conciliar tarefas domésticas e profissionais.

Por outro lado, o discurso das entrevistadas revelou que as redes sociais têm desempenhado um papel importante e proporcionado autonomia para aquelas que desejam

aprender mais sobre. Há uma infinidade de conteúdos disponíveis, inclusive ministrados por mulheres, de forma mais acessível, rápida e fácil. Por fim, após considerar todos esses fatores e as definições de autonomia financeira apresentadas pelas entrevistadas, percebe-se que garantir a possibilidade de escolha e atender às necessidades básicas são suficientes para a maioria das mulheres se considerar financeiramente independente.

Como resultado da pesquisa, foi possível responder à questão central do estudo e compreender um pouco mais sobre a relação das mulheres com a educação financeira e o dinheiro. Apesar de assuntos relacionados a finanças não serem comumente discutidos no cotidiano das mulheres, eles vêm gradualmente ganhando espaço, especialmente por meio das redes sociais, ajudando a romper relações de dependência e superar sentimentos como medo e insegurança. Dessa maneira, esse trabalho buscou contribuir para o campo de investigação sobre educação financeira para mulheres, aprofundando nos fatores que influenciam positivamente e negativamente na construção dessa relação. Por ter sido escolhida como metodologia a entrevista semiestruturada, a amostragem ainda é pequena se comparada ao universo de todas as mulheres no país. Ademais, é importante ressaltar que a amostra utilizada foi baseada na acessibilidade, o que significa que pode haver vieses nos resultados devido ao caráter não-probabilístico de seleção dos participantes.

Assim, para estudos futuros recomenda-se a adoção de uma abordagem quantitativa, a fim de incluir uma amostra mais ampla e representativa. Além disso, sugere-se a utilização de uma amostragem estratificada, que permita aprofundar a compreensão sobre a influência de fatores como interações familiares, nível de escolaridade e contextos sociais. Dessa forma, será possível obter análises mais robustas sobre a relação entre as mulheres e a educação financeira, a variar conforme o contexto em que foram criadas.

REFERÊNCIAS

AMADEU, J. R. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular**. Dissertação de mestrado, Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, SP, Brasil, 2009. 89 f. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-78973/a-educacao-financeira-e-sua-influencia-nas-decisoes-de-consumo-e-investimento--proposta-de-insercao-da-disciplina-na-matriz-curricular>. Acesso em: 18 mai. 2023.

BADINTER, E. **Um é o outro: relações entre homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAUER, M. W., & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 3.071**, de 1º de janeiro de 1916. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1916.

BRAUNSTEIN, S., & WELCH, C. **Financial literacy: an overview of practice, research, and policy**. Federal Reserve Bulletin, 2002.

C6 BANK. **Pesquisa C6 Bank/IBOPE revela que apenas 21% dos brasileiros tiveram educação financeira na infância**. Blog C6 Bank, 27 de mai de 2020. Disponível em: <https://blog.c6bank.com.br/pesquisa-c6-bank-ibope-revela-que-apenas-21-dos-brasileiros-tiveram-educacao-financeira-na-infancia>. Acesso em: 18 mai. 2023.

CANCIAN, T. **Brasil está entre os países com menor inclusão financeira no mundo, aponta pesquisa; veja ranking**. Exame.com, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/brasil-esta-entre-os-paises-com-menor-inclusao-financeira-no-mundo-aponta-pesquisa-veja-ranking/>. Acesso em 28 de abril de 2023.

CASTRO, T. **Educação financeira na BNCC**, 2021. CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. 12 fev. 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/educacao-financeira-na-bncc#:~:text=Matem%C3%A1tica%20financeira%20na%20BNCC&text=%C3%89%20poss%C3%ADvel%2C%20por%20exemplo%2C%20desenvolver,incluindo%20estrat%C3%A9gias%20atuais%20de%20marketing>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR 2019. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 18 mai. 2023.

CERBASI, G. **Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais**. 37ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CERBASI, G. **Como organizar sua vida financeira**. São Paulo: Elsevier, 2009.

CERBASI, G. **Dinheiro: os segredos de quem tem**. 20ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2018.

CHIAVENATO, I. **Teoria geral da administração**. Elsevier, 2014.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic)**, 2022. Disponível em: <https://pesquisascnc.com.br/pesquisa-peic/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2007.

DUPITA, A., GUPTA, A., & ORLIK, T. "**Quer adicionar US \$ 20 trilhões ao PIB? Empodere Mulheres**". Bloomberg, 11 de ago 2021. Disponível em: <https://www.bloomberg.com.br/blog/bloomberg-womens-buy-side-network-lanca-projeto-no-brasil/>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

DYCHTWARD, M., & LARSON, C. **O poder econômico das mulheres**. São Paulo: Elsevier, 2011.

EDWARDS, R., ALLEN, M. W., & HAYHOE, C. R. **Financial attitudes and family communication about students' finances: The role of sex differences**. Communication Reports, 20(2), 90-100, 2007.

FEIJÓ, J. **Diferenças de gênero no mercado de trabalho**. Blog do Ibre FGV, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/diferencas-de-genero-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **Global Gender Gap Report 2022**. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2022.pdf. Acesso em: 18 mai. 2023.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIL, C. A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HOUSEL, M. **A psicologia financeira: lições atemporais sobre fortuna, ganância e felicidade**. Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores sociais das mulheres no Brasil**, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784informativo.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2023.

KIYOSAKI, R. T., & LECHTER, S. L. **Pai rico, pai pobre**. Ediouro, 2000.

LEWGOY, J. "**Educação financeira nas escolas fica para trás em meio à democratização de investimentos**". Valor Investe. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2021/06/22/educacao-financeira-nas-escolas-fica-para-tras-em-meio-a-democratizacao-de-investimentos.ghtml>. Acesso em: 09 de maio de 2023.

MASLOW, A. H. **A theory of human motivation**. Psychological Review, 50(4), 370–396, 1943. <https://doi.org/10.1037/h0054346>

MELO, H. P. de, & FALCI, M. B. K. **Eufrásia Teixeira Leite: O Destino de uma Herança.** Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/2003_hildete_pereira_melo_eufrasia-teixeira-leite-o-destino-de-uma-heranca.pdf. Acesso em: 3 mai. 2023.

MERRILL LYNCH. **Women & Financial Wellness: Beyond the Bottom Line.** 2017. Disponível em: https://mlaem.fs.ml.com/content/dam/ML/Articles/pdf/ML_WM_Financial_Wellness_Study.pdf. Acesso em: 3 mai. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Programa Educação Financeira nas Escolas.** 2021. Disponível em: <https://www.edufinanceiranaescola.gov.br/o-que-e-o-programa-educacao-financeira-nas-escolas-2/>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

NEGRI, A. L. L. **Educação Financeira para o Ensino Médio da Rede Pública: uma proposta inovadora.** Dissertação de mestrado, Centro Universitário Salesiano de São Paulo: UNISAL, Americana, 2010.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Princípios de Educação Financeira: recomendação do Conselho.** 2005a. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso em: 06 mai. 2023.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Improving financial education and awareness on insurance and private pensions issues.** Paris: OECD Publishing, 2005b. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/improvingfinancialeducationandawarenessoninsuranceandprivatepensions.htm>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **PISA 2018 Insights and Interpretations.** Paris: OECD Publishing, 2019. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

POTRICH, A. C. G., VIEIRA, K. M., & KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, São Paulo, SP, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

PRINCIPAL. **Global Financial Inclusion Index. 2022.** Disponível em: https://secure02.principal.com/publicsupply/GetFile?fm=WW1067&ty=VOP&EXT=.VOP&gl=1*2ve3cz*_ga*MTExMTk1NzI2MC4xNjg0NzE2NjYz*_ga_GP3ZP21MGH*MTY4NDcxNjY2My4xLjAuMTY4NDcxNjY2My4wLjAuMA. Acesso em: 18 de maio de 2023.

QUINTANILLA-GARCÍA, B. **Breve história da bolsa de valores.** Acalán: Revista de la Universidad Autónoma del Carmen, Ciudad del Carmen, v. 2008, p. 24-25, jul./ago. 2008, n. 54, ISSN 1405-9401, 2008.

SCOTT, J. **História das Mulheres**. In: BURKE, P. (Org.). A escrita da história. São Paulo: Novas Perspectivas, Unesp, 1992.

SENADO FEDERAL. Data Senado. **Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher - 2021**. Brasília: Secretaria de Transparência, 2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/pesquisas-datasenado-sobre-violencia-domestica-e-familiar/destaques_pesquisa_violencia_contra_a_mulher_2021/. Acesso em: 27 abr. 2023.

SERASA EXPERIAN; IBOPE INTELIGÊNCIA. **Educação financeira do brasileiro vai além da escolaridade**. São Paulo: Serasa Experian, 2019. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/conteudos/sustentabilidade-corporativa/educacao-financeira-vai-alem-da-escolaridade/>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

SOUSA, A. S., OLIVEIRA, G. S., & ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, 20(43), 64-83, 2021.

SOUSA, L. P.; GUEDES, D. R. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. Estud. av. 30 (87) • May-Aug 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>.

THE ECONOMIST. **A guide to womenomics. The future of the world economy lies increasingly in female hands**. Disponível em: <https://www.economist.com/finance-and-economics/2006/04/12/a-guide-to-womenomics>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **PNAD: levantamento do todos mostra primeiros impactos da pandemia nas taxas de atendimento escolar**. 02 dez de 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pnad-levantamento-do-todos-mostra-primeiros-impactos-da-pandemia-nas-taxas-de-atendimento-escolar/>. Acesso em 5 jun de 2023.

UBS INVESTOR WATCH. **Destaques Globais – análise para Brasil e México: O que pensam os investidores, Volume 1**. Disponível em: <https://www.ubs.com/br/pt/wealth-management/our-approach/investor-watch/2019/own-your-worth.html#razoes>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIANNA, C.; FINCO, D. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cad. Pagu (33), dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>.

VIDA E DINHEIRO. Secretaria de Educação e Comunicação do Ministério da Economia. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

WORTHINGTON, A. C. **Predicting financial literacy in Australia**. Financial Services Review, 15(1), 59-79, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA

1. Como você avalia a situação da educação financeira no Brasil de maneira geral?
2. Como você enxerga a relação atual das mulheres com o dinheiro?
3. Poderia compartilhar um pouco sobre sua relação com o dinheiro atualmente?
4. Na sua família, havia o hábito de discutir sobre dinheiro? Se sim, quais são os assuntos que mais se destacam em sua memória, tanto no passado quanto atualmente?
5. Comente sobre seu conhecimento em finanças e como o adquiriu.
6. Por que você considera seu conhecimento nessa área da forma como descreveu anteriormente?
7. Como você geralmente administra suas finanças e toma decisões financeiras? De onde vem sua renda?
8. Você se sente motivada a pesquisar ou estudar mais sobre o tema? Se já possui educação financeira sólida, como você mantém seu conhecimento atualizado?
9. Como você entende o conceito de independência financeira? Você se sente próxima desse objetivo?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

1) Como você avalia a situação da educação financeira no Brasil de maneira geral?

E1: Sinceramente pra mim educação financeira em termos de mulheres, tem um relacionamento direto com as redes sociais, com a expansão, o alto alcance e que hoje você sem querer você já viu um vídeo do cara explicando onde é que você pode aplicar, qual a melhor aplicação para você ter um dinheiro que renda.

Ao longo da minha vida toda, na minha escola, na parte acadêmica, nada. Muito pouco foi visto ou foi falado. A gente tinha mesmo aquela coisa de poupança que era uma coisa mais popular mais comum mais fácil de básica de lidar todo mundo sabe sobre botar e tirar. Você não sabe se é muito ou pouco mas sabe que está rendendo. Agora, com o advento das redes sociais, da internet invadindo todo mundo é que você realmente tem um alcance e consegue obter algum conhecimento por conta própria. Antes, era só se você realmente se interessasse, fosse pesquisar e se aprofundar nisso, mas só que não era o comum, não era usual e nem tinha incentivo nenhum.

E2: Eu acho que ela é muito defasada como um todo. A gente é muito influenciado a consumir e o como a gente não é educado e influenciado a guardar dinheiro. E mais do que isso, como guardar esse dinheiro ou como fazer esse dinheiro render. Então, acho que a população como um todo sofre sobre isso. Esse tema é um tabu que não é discutido e isso é o pior problema de todos. Não é só não ter informação, as pessoas têm medo de falar sobre isso por acharem ser muito complicado.

E3: Eu acho que é um incentivo muito baixo, eu particularmente, na escola nunca tive e era uma escola boa do meu bairro, particular. Mesmo assim, nunca tive acesso a temas de educação financeira na escola. A gente sabe que graduação é um baita privilégio no nosso país, nem todo mundo tem acesso então, pra considerar que seria um tema bem oferecido, teria que ser abordado na educação básica ali na escola. Pelo menos para mim, nunca foi. Minha irmã também tá estudando e não mudou, continua não tendo nenhuma noção básica de educação financeira e já está no ensino médio. Na minha visão é bem, bem falha, não vejo muitos incentivos nem projetos voltados para a escola que possa melhorar isso.

E4: Eu estudei em escola particular toda vida, mas eu não tive a educação financeira nenhuma. As escolas particulares que eu estudei são escolas simples do município do

interior do Rio de Janeiro. Acredito que isso também influencia bastante. Olhando para o país, eu vejo que a gente melhorou bastante em questões de educação financeira. Eu vejo o assunto sendo falado muito mais hoje do que antigamente. Mas ainda sim vejo que as pessoas não têm dinheiro guardado também. E eu vejo muito isso por conta da falta de educação, seja ela financeira, seja educação básica. Os irmãos da minha mãe, os meus tios, foram todas assim. A maioria deles não tem conta em banco, vivem do que vendem na feira. Outro vive de rolo. Então eles guardam o dinheiro gastando. Nunca tem muito dinheiro. Eles entendiam que aquilo era só um mecanismo de troca, muito por causa dessa falta de educação.

E5: Precária, é uma educação rasa. Sendo muito sincera, eu acho que a gente para de falar em educação financeira depois que a gente começa em multiplicação e divisão. Geralmente a professora ensina que temos 10 moedinhas e acabou, não se fala mais nisso. Essa minha opinião vem muito do quanto que eu sou cercado por crianças, tenho muitos primos, e você vê que o conteúdo é raso. Acho que não chega a entrar num assunto de finanças. O que começa a ter um movimento em relação a isso são algumas escolas particulares, naqueles eventos de feira de ciência que tem um cunho de valor social. Nessas feiras, tem as gincanas que as crianças lidam com o dinheiro em uma rifa que indiretamente ensina sobre suas finanças. Se você não consegue pegar dinheiro suficiente, você não ganha o prêmio, mas não é nada é muito claro. Na escola pública que é onde majoritariamente as crianças estão inseridas, muito mais que a metade do Brasil, não então existe esse movimento.

E6: Eu acho que ela é quase inexistente. Principalmente se a gente olhar em massa. Assim, a educação pública, a educação em geral, eu acho que hoje não é um tema tratado no currículo. Não é uma prioridade da educação formal e aí alguns privilegiados tem um acesso, mas não é uma preocupação didática de currículo, algo que tá previsto.

E7: Eu acho que a maior parte da população é desinformada, então a gente vê várias pessoas endividadas, com grandes dívidas, não sabendo sobre juros e tudo que envolve a educação financeira, cartão de crédito e tudo mais. A percepção sobre educação financeira não é legal. Talvez a gente esteja em um sistema econômico, político que não favoreça pra que essas pessoas tenham acesso. Quando a gente fala de pessoas que tem uma educação financeira, que possui esse conhecimento, é quase uma bolha, são pouquíssimas pessoas.

Eu acho que também, com a internet, com as redes sociais a gente também vê vários golpes “como ficar rico em um mês”, então a gente vê pessoas comprando cursos pra como ficar rico e isso dá um indicativo de que as pessoas não conhecem. E a gente tá vivendo uma situação tão desesperadora em termos de desemprego, de pessoas endividadas que isso acaba sendo uma saída, vamos dizer assim. No geral eu diria que as percepções das pessoas não são tão boas quanto deveriam ser. Eu acho que também a gente vive num país, que pela dimensão do Brasil, ele precisa ter leis muito rígidas e muito específicas. Quando a gente fala de tributações, de impostos, são coisas muito difíceis, isso não ajuda com que as pessoas lidem bem com dinheiro. As pessoas acham que é uma coisa muito difícil, a gente tem diversas instituições “ah tem que pagar o INSS”, “tem imposto retido na fonte”. Não sou contra pagarmos impostos, não sou contra, sou contra ele não ser democratizado da forma que deveria ser porque isso já gera um medo e insegurança nas pessoas, principalmente as que tão começando no mercado de trabalho que tem mais contato com isso. Eu sou uma pessoa muito conservadora e eu tenho essa dificuldade de dar esse paço em relação ao dinheiro. Por mais que eu tenha conhecimento, tenha estudo, isso ainda é uma coisa que me dá um pouco de medo. Então eu vejo pessoas que não tem um alto grau de escolarização e isso vira algo muito distante.

E8: Na minha bolha, eu não vejo muita gente com educação financeira não. Estudei em escola pública a minha vida toda e nunca vi falarem sobre isso ou tocar no assunto. As pessoas não têm muito controle, acaba gastando mais do que recebe e quando vê fica sem saber o que fazer, é muita gente endividada, sem controle.

E9: Bom, eu acho que é muito, muito falha. Na verdade, eu acho que não existe educação financeira nas escolas públicas, só talvez nas mais elitistas. Eu não tive na minha escola, na minha faculdade foi um pouco diferente, mas também não sou referência. Fiz economia e, pelo menos no meu curso, a gente começa a ver e se aprofundar. Muita gente começa a trabalhar no mercado financeiro e conhece as instruções básicas. Mas a verdade é que muita gente não tem isso, chega a ser revoltante alguns pacotes de “benefícios” que os bancos chamam de serviços e fornecem para as pessoas. No fundo, a pessoa só está se endividando cada vez mais e isso acontece por não saber o básico. Na faculdade eu já vi vários projetos que as pessoas vão nas comunidades mais carentes e dão aulas de educação financeira justamente por isso. Enfim, as pessoas também não têm muita noção em relação ao amanhã.

E10: Na escola? Zero. Sinto falta. Acho que hoje uma escola ou outra ali que saiu daquele padrão das escolas tradicionais, que iniciaram algum tipo de educação financeira. Mas acho muito fraco e sou totalmente a favor das pessoas já terem desde novinhas. Eu senti muita falta até na faculdade, fiz administração e não se fala muito nisso, né? É muito, muito básico. Eu fui entender ali sobre uma educação financeira, poupar e investir muito depois do final da faculdade. E foi por conta própria que eu realmente comecei a estudar sobre o mercado financeiro. Na minha família eu via muito o reflexo disso, meu pai que sempre foi a pessoa que trouxe o dinheiro para casa. Minha mãe tinha um trabalho, mas muito secundário e tudo mais. E isso sempre me incitou a querer ter o meu dinheiro e aí sempre fui mais nessa linha. Eu via que meu pai trabalhava muito que me incentivou a essa vontade de trabalhar, de me sustentar, de me desenvolver, mas ali na minha Independência.

E11: Eu nunca tive muita orientação de educação financeira, até pelos meus pais serem mais simples. Meu pai nunca foi um exemplo, minha mãe era mais aquela que controlava. Eu cresci vendo minha mãe segurando sempre mais que o meu pai. Acho que num todo, acontece muito isso, eu vejo conversas no trabalho falando sobre como o cartão veio mais alto esse mês e outras coisas. De certa forma eu sinto uma mudança, falo muito com a minha filha quando ela traz algo do assunto, fico caramba, minha filha tão nova e já tem essa cabeça. Eu demorei um pouco a perceber que eu tenho que ter, reservar, guardar um pouco. A gente nunca teve a preocupação de não aproveitar. Sempre pensamos, vamos aproveitar a vida. Eu era muito assim, vamos sair, é só passar o cartão, depois eu vejo, mês que vem eu resolvo. No bairro que a gente mora eu não vejo as pessoas conversando sobre isso. Eu acho que talvez dependa muito do local, talvez em alguns as pessoas tenham mais orientação. Sinto que no meu trabalho as pessoas já têm uma cabeça diferente e falam um pouco mais, no bairro onde eu moro ninguém conversa sobre. Minha mãe tinha um comércio e lá ninguém falava sobre também, mulheres principalmente.

E12: Sinto que o brasileiro é muito desinformado no assunto. A gente acaba numa bolha muito de jornal e é isso que quem não tem escolaridade tem acesso. Eu nunca tive isso na escola e minha filha também não, mesmo estudando em colégio particular, sinto que é algo que não é priorizado assim como muitas coisas básicas na educação. A população fica cada vez mais largada nesse assunto, não tem incentivo, nada.

2) Como você enxerga a relação atual das mulheres com o dinheiro?

E1: Eu acho que basicamente aconteceu com elas o mesmo o que aconteceu comigo, ao longo dos anos com essa coisa toda da expansão da internet você pode ter a facilidade de consultar o Google e obter várias informações em relação a isso. Eu acho que todo mundo foi começando a se expandir nesse sentido. Porque até então basicamente as mulheres que eu convivo, a maioria casada, a maioria o marido que tratava dessa parte, se aplicava alguma coisa era o marido e não elas. Hoje eu já vejo diferente, hoje eu vejo a gente discutindo, agora você já escuta uma perguntar sobre CDB, o que as outras estão achando. Antigamente a gente não conversava muito sobre isso, não existia esse papo.

Eu separo muito bem na geração a minha mãe e a minha. Minha mãe nunca teve conta corrente, minha mãe foi ter conta corrente quando meu pai faleceu, que por sinal era dele. Então ela teve que praticamente ter a conta dele para poder receber a pensão. Todo tratamento de banco era com meu pai e minha mãe não tomava conhecimento, ela não sabia nem quanto meu pai ganhava pra você ter uma ideia. Já com essa coisa da mulher trabalhar fora, isso já fica diferente, a minha mãe nunca trabalhou fora depois que se casou - trabalhava antes. Também era uma coisa que não tinha conta corrente na época dela, dava dinheiro pro pai, essas coisas. Quando as mulheres começaram realmente a entrar de cabeça no mercado trabalho eu acho que houve uma mudança. Fatalmente a mulher que trabalha fora, ela tem um contato com um banco, com conta corrente. Então já é diferente, a geração da minha mãe não, a minha geração já foi melhor, a geração de agora então nem se fala.

E2: Olhando muito para as pessoas mais velhas assim na geração da minha mãe, por exemplo, eu vejo que esse tema, de fato, não é tratado pelas mulheres. Tem vários exemplos na minha família de mulheres que conseguiram ascender financeiramente na vida e outras pessoas que não. Mas independente da realidade social que elas vivem hoje, nenhuma delas sabe muito sobre como cuidar do seu dinheiro. O que acontece é que uma recebe mais mensalmente, por isso, ela consegue ter um padrão de vida mais alto, mas eu não vejo que isso aconteça por conta da forma como ela guarda e que ela cuida desse dinheiro, digamos assim. Eu vejo que a geração de mulheres mais atual tá cada vez mais presente no mercado de trabalho e tomando a frente da sua vida e tendo essa independência em todas as frentes, buscando cada vez mais informação. Uma dessas frentes é a financeira, muito por conta também desse tema está sendo cada vez

mais tratado, principalmente, no ambiente digital, com as facilidades que tem surgido de aplicativos, de produtores de conteúdo falando de uma forma mais fácil, menos técnicas sobre isso. Acho que tudo isso tem influenciado as mulheres a correr mais atrás, buscando essa independência em todos as frentes.

E3: Eu acho que mulheres próximas, por exemplo, minha mãe, ela tem muita dificuldade de conseguir sentir que ela tem autonomia para tomar qualquer decisão com relação ao dinheiro dela. Ela sempre pergunta opinião de pessoas próximas, principalmente o meu pai, porque, na minha visão, parece que ela não sente capaz de tomar essas decisões. E sempre que eu tento falar qualquer coisa ela fala que tenho que ver com meu pai porque ela não entende muito dessas coisas. Então, quando que ela vai tomar decisões financeiras, ela fala com meu pai. Eu acho que é importante, claro, eles são casados meu pai também a comunica as decisões financeiras dele, mas eu acho que a parte dela é muito mais no sentido de instrução do que de compartilhar porque vivemos uma vida comum. Eu acho que é muito mais nesse sentido de não sei então preciso de ajuda. Qualquer coisa que eu fale sobre investir ela sempre fica insegura falando que tá bom do jeito que está, que assim ela pelo menos não perde dinheiro. Dá para perceber que a relação dela com o dinheiro é assim: eu preciso dele, mas eu tenho medo de perder, então preciso que ele fique aqui, seguro e guardado. Em relação a ela eu sinto bastante distanciamento de qualquer assunto que envolva dinheiro. E se você tenta explicar ela já vem na defensiva “não, não sei” e não está muito aberta a aprender muito por não se sentir capaz.

Minha irmã tem 15 anos, também não teve tanta experiência, mas eu acho que essa geração mais nova tem um pouco de dificuldade de entender o valor do dinheiro. É outro problema, sinto que a minha irmã tá em outro mundo assim, que ela não tá entendendo que o dinheiro é trabalho, trabalho dos meus pais, que não é só querer tudo. Não é muito ensinado, o valor do dinheiro, o que simboliza. Às vezes eu sinto um pouco esse distanciamento. Cada hora ela pede uma coisa e eu fico “Realmente está em outro mundo”. Pode ser algo relacionado a essa geração mais nova, mais jovem que é muito exposta a consumo, TikTok o dia inteiro.

Também tenho uma tia que foi como uma segunda mãe, que me criou enquanto minha mãe trabalhava. Ela também não tem nenhuma noção tudo ela fala que precisa pedir pro meu tio (marido dela). Ela não trabalha então depende do marido, então tudo o que ela vai que ela vai comprar, ela precisa da permissão dele. Não que ele seja controlador

nesse sentido, mas tudo ela precisa ver se vale a pena, confirmar com ele, então acaba sendo bastante dependente assim da validação de um homem para se sentir segura, para tomar uma decisão.

E4: Bom, e aí vou falar então das minhas amigas, a minha melhor amiga tem uma relação muito boa com dinheiro. Ela vem de uma família financeiramente muito tranquila. E eu sempre percebia essas diferenças depois que meu pai morreu, porque ela passou pra faculdade federal, ganhou um carro, tinha mesada e conseguia administrar aquele dinheiro. Depois ela passou para um concurso público quando se formou também e o primeiro salário da vida foi 10.000 reais, em 2012, e além de ter um salário muito bom como o primeiro salário da vida, né? Quer dizer, 10 anos depois, eu não consigo ganhar isso. Ela teve ajuda dos pais, eles mobiliaram um apartamento para ela, trocaram o carro dela quando ela passou no concurso.

Tipo, eu mobilizei meu apartamento com o meu trabalho. Eu quero comprar um carro, um dia, e eu sei que só consigo com meu esforço. Ela já teve acesso a isso por causa das condições da família e o dinheiro dela era só para as contas do dia a dia. E ela teve a possibilidade de guardar. Ela tem mais de um milhão guardado já. E sempre investiu também quando eu preciso, eu recorro a ela e ela me ajuda. E pensando em outras amigas, tem uma que o pai tem educação superior, era concursado e a mãe não. A mãe ficava em casa, mas também vem de uma família, com uma condição financeira boa, e as mesmas coisas. Ganhou carro e tudo, mas não teve o mesmo comportamento de guardar, até pouco tempo ela não juntava nada.

E5: Eu venho de uma família em que a minha avó foi mãe solteira de 6 filhos. Então, obrigatoriamente, ela precisava de ter essa logística. Então quem vem, as filhas dela, como a minha mãe, tem a minha avó como espelho. E se a minha avó tinha que se virar para trabalhar e colocar as coisas em casa, elas também têm o mesmo comportamento. Então hoje eu vejo 3 figuras femininas muito fortes na família que são super independentes em relação dinheiro. E quando eu digo independente é relação a saberem fazer a gestão desse dinheiro, são mulheres que não entram na dívida, que conseguem realizar sonhos por conta dessa gestão de dinheiro. Tem muito um que de pobreza, no sentido de eu não quero passar por aquilo novamente, então eu vou precisar na marra aprender. Acho que o comportamento delas é assim por conta da marra, do pavor de voltar pro ambiente que elas viveram. Vejo uma relação um pouco de dependência masculina em relação aos seus maridos, no sentido de, eu consigo pegar o meu dinheiro

sozinha, eu faço esse meu dinheiro vir, eu não entro em dívida, eu sou muito organizada, mas vou querer a aprovação dele para saber se pode comprar alguma coisa. É todo um que de sociedade, mas eu consigo ver um pouco desse comportamento, eu acho que são 3 cases de super sucesso na questão comportamental. Ao meu redor eu vejo pessoas mulheres que não são dependentes financeiramente.

Quando abro um pouco mais esse ciclo próximo, eu consigo ver minhas vizinhas, por exemplo, as vizinhas que não trabalham. É sufocante, é ouvir delas que “Caramba, eu vou no seu casamento e eu não tenho roupa, eu não vou conseguir a roupa porque fulano ta sem dinheiro”. E é isso, o dinheiro não é dela, ela sabe que não é dela e é dele. Tudo tem que pedir e isso não é incomum inclusive em comunidade, ambiente que eu cresci. Nesse caso eu vejo nitidamente o quanto o ir e vir é perdido, tenho casos em que eu consigo ver o quanto que a mulher fica doente emocionalmente por não ter essa independência. Você vê na fala que há cobranças no sentido de “eu não estudei, eu parei na terceira série, então não consegui emprego e eu dependo do dinheiro dele”. Eu vejo o quanto que o ir e vir delas são limitados, então elas não podem pagar uma academia. A maioria delas vão caminhar juntas, mas você vê que é um cenário de mulheres que não conseguem pagar a mensalidade de uma academia. Consigo ver também que são mulheres que não tem acesso a carro, acesso a um Uber, que para elas muitas vezes é luxo. Isso limita elas em vários aspectos, no vestuário, na saúde mental. Esse último tópico eu conversei com uma vizinha recentemente e ela sinalizou que tem um medicamento (que se fosse comigo, mesmo se fosse 60 reais por semana eu pagaria) recomendado pelo psiquiatra que ela paga uma alternativa de 15 reais (valor simbólico para o exemplo) e ainda acha caro. Ou seja, até a saúde delas é prejudicada, eu já questionei o porquê dela tomar uma versão mais barata que traz infinitos efeitos colaterais, mas realmente não tem outra opção por que é o que ela consegue pagar.

E6: A gente vem de uma economia, na minha visão, muito patrimonialista que vem muito das origens portuguesas que o pessoal escondia o que tinha. Tem muito um tabu de não falar o que ganha, dinheiro não é um assunto. Quando é, é delicado e as pessoas não comentam, tirando pessoas mais íntimas e especialistas. Também tem as pessoas que você consulta pra um conselho por saberem mais, mas não é um assunto tão comum. Ainda rola um tabu muito forte “não se deve falar sobre dinheiro”, não falamos nosso salário. (Risos) Eu imagino a qualidade do censo do IBGE porque todo mundo deve

mentir, quem ganha pouco quer falar que ganha mais e quem ganha mais quer falar que ganha menos, deve ser uma confusão por ele ser declaratório.

Em relação as mulheres ao meu redor, a minha mãe me pergunta onde que ela deve aplicar, pede indicações de aplicações seguras. Ela fica muito insegura com indicação de gerentes de banco porque ela acredita que muitas vezes eles estão atrás de bater a meta e nem sempre é a melhor dica. Ela é a única pessoa que me consulta sobre questões de dinheiro. Eu tenho uma amiga ou outra que fala mais no sentido de “ah eu quero comprar um imóvel, você acha que vale a pena? Financiamento?”. Não é comum, do meu ciclo são uma, duas amigas e a minha mãe.

E7: As mulheres são muito consumistas. Eu vejo mulheres ao meu redor que tem um poder aquisitivo ok pra idade que elas estão, pro cargo que elas ocupam, mas que não tem essa relação com o dinheiro de preciso juntar, preciso construir um patrimônio. A relação é muito mais no sentido de “tenho que comprar uma roupa pra ir numa festa”, “tenho que fazer meu cabelo, minha unha”, “abriu uma promoção nova na shein”. É muito consumismo e a gente acaba não conseguindo guardar como gostaria.

Eu percebia isso olhando a diferença com os homens. As vezes um homem, num cargo menor, ganhando menos, tinha muito dinheiro guardado. Às vezes eu me comparava, como esse cara consegue ter tanto dinheiro guardado? Eu não consigo guardar o meu dinheiro. Aí você para pra olhar e tem muito essa questão estética, tenho que fazer a unha, comprar uma roupa nova, a sociedade tá sempre te empurrando pra que você gaste mais. Quando eu comecei a namorar, eu ganhava mais do que ele. E ele ganhava um salário bem baixo, ele era estagiário na época e uma vez ele abriu a conta bancária dele na minha frente. Quando eu olhei a quantidade de dinheiro que ele tinha guardado, eu fiquei “como você conseguiu?” e ele me respondeu que quase todo dinheiro que ele ganhava ficava guardado. “Eu ganho 10x, x eu uso, 9x eu guardo” e eu realmente não consigo fazer isso.

E8: A minha família, vou falar mais pela minha avó e meu avô que eu moro com eles. Eles até lidam bem, conseguem ter um controle melhor, mas ainda sim tem dificuldades. Agora falando sobre a minha mãe, assim, zero controle. Ela gasta muito, não pensa em nada a frente. Pra ela é só viver o momento e o amanhã que fique pra amanhã. E eu odeio isso, odeio mesmo. Minha avó tem um caderno onde ela anota tudo, tudo mesmo. Esse caderno tá cheio de coisa. Exemplo, ela compra um negócio hoje aí a parcela é pra

pagar dia 15 do mês que vem, aí ela vai lá, bota a data que ela comprou, a data que vai vir a primeira parcela a loja, tudo tudo mesmo. Meu avô não tem controle financeiro, ele coloca tudo pra minha avó resolver mesmo. Ele não tem conhecimento nenhum, se meu pai da uma conta pra ele pagar tem que explicar os mínimos detalhes pra ele entender um pouco.

E9: Bom, eu acabo vendo um pouco das 2 visões. Eu tenho tanto contato com o pessoal que acaba tendo um pouco mais de dinheiro na minha família como também pessoas que não sabem se vai ter o que comer amanhã. Eu convivo muito com dois extremos e simboliza muito o que a gente tem no Brasil. Hoje em dia essa relação, independente de gênero é muito complicada.

Falando um pouco mais da minha mãe, ela é uma das referências que eu tenho, uma pessoa que lutou a vida inteira. Ela tem muito medo de perder o que ela tem, a relação dela com conhecimento financeiro é quase inexistente. Assim, se não fosse pela gente incentivando ela, ela não conheceria nada. Você vê assim o nível de de aplicação em poupança ou de deixar no saldo do banco mesmo. Coisas que assim, se às vezes se coloca num CDI, já teria qualquer rendimento maior, então, eu vejo muito essa cultura do não conhecimento.

Ela tem medo de qualquer coisa. Ela acha que tudo é um risco, mas se qualquer pessoa chegar pra ela e falar, ela também acredita. Se o gerente do banco sugeriu pra ela algum serviço, ela acredita que é a melhor opção. Pensando nas mulheres, tem esse lado de que elas realmente, a maioria no caso, não tem dinheiro pra juntar e muito menos pra investir, então isso acaba ficando de lado. Eu vejo muito que as pessoas estão sempre lutando para poder pagar algo que elas já precisariam ter pago, então não tem muito também essa cultura de, eu preciso pensar no meu futuro, eu preciso pensar na minha aposentadoria.

E10: Essa pergunta até interessante, porque hoje eu vejo que as pessoas mais jovens falando sobre isso, mas de forma bem rasa. Pra começar 2 premissas são importantes, saber que investir é importante e saber que poupar também é importante.

Aqui entra numa questão de como ganhar dinheiro? São diferentes tipos de conhecimento e diferentes tipos de vontades. Vejo muito mulheres que até acham o assunto interessante, começaram a olhar e entendem a necessidade de investir, mas paralisam pelo medo. Eu trabalho no mercado financeiro, então quem me conhece sabe

que eu trabalho numa corretora e já acha que eu sou assessora. Me perguntam sobre como investir, mas fica nessa, mesmo eu não sendo assessora. Bem, pelo menos a pessoa sabe que é importante e isso já é legal, mas o conhecimento mais profundo carece muito, as gerações mais antigas então.

E11: A minha filha mais velha fala sobre, me dá até algumas dicas de coisas que eu não sabia sobre lugares pra investir, tesouro, coisas que eu nunca soube e nem tive interesse em buscar. Pra mim era só aquilo, ah você sabe que tem a poupança então coloco o dinheiro lá. Agora também as vezes a menina do banco entra em contato falando que é melhor botando dinheiro em alguma coisa, mas eu sou muito medrosa. Ai sempre pergunto, falo com meu marido, tenho medo de risco. Prefiro ficar com menos, mas que não tenha risco. Minha filha mais nova não tem muito o que falar. Ela agora tá começando a receber uma mesada, abrimos uma conta pra ela, aí meu marido coloca o dinheiro. Ela tá começando a ver que tem que gastar, mas com moderação. Ela vai mais pro meu lado de gastar.

E12: Sinto que é bem ruim. Ninguém fala muito sobre, é mais todo mundo tentando se organizar pra pagar as contas do mês enquanto administra as parcelas de uma compra maior. Vejo muita dependência de homem, dificuldade de conquistar espaço, principalmente na parte mais pobre. Eu vim de uma família em que minha mãe tinha que dividir 2 ovos mexidos pra 5 filhos mais ela e meu pai. Não tinha dinheiro, ela lutava por cada centavo que entrava dentro de casa. É uma relação de luta pra sobreviver, dia após dia. Não tem espaço pra pensar muita coisa além de conseguir a comida do dia, então, pras mulheres ao meu redor, estudar sobre dinheiro não é e nunca foi prioridade porque não sobrava, nem um centavo.

3) Poderia compartilhar um pouco sobre sua relação com o dinheiro atualmente?

E1: Eu tenho uma maneira de lidar com o dinheiro que eu sei que não é a ideal. Justamente porque a gente conversa com outras pessoas, eu converso até com outros homens e eu percebo que eu não tenho muito planejamento. Se você me perguntar assim: “Qual o seu gasto mensal de mercado?”, eu não sei, eu simplesmente vou no mercado e compro. Agora eu tenho um controle, eu não meto o pé na jaca. Já me desestabilizei financeiramente algumas vezes? Sim, mas por conta de coisas pontuais. No geral eu tenho controle, eu não eu não gasto mais do que eu ganho, eu não me vejo em situações

que eu vou além de onde a minha perna alcança. Isso é uma forma de administrar a minha vida financeira, agora, eu sei que eu poderia administrar melhor. Tem coisas que eu gasto, pra você ter uma ideia, acho que sou uma das poucas brasileiras que paga e-mail (risadas). Eu pago 18 reais pelo UOL, absurdamente. mas eu tenho há mais de 15 anos e eu amo esse e-mail, eu não posso desfazer dele, então eu tenho que pagar. Eu tenho minhas falhas, e acho que assim, eu poderia me aprimorar se estudasse mais ou conseguisse me aprofundar mais nesse assunto que hoje a gente tem condições de se aprofundar. É preguiça mesmo, porque hoje você consegue, se eu quiser uma aula de como eu me planejar, eu vou procurar na internet e vou achar, coisa que não tinha antigamente.

É uma acomodação, sensação de tá bom assim e não vale o esforço pra mudar.

E2: Acho que é sempre um tema muito delicado. O que eu tento fazer, basicamente, é, eu pego o meu salário e a partir daí eu deduzo todos os descontos que eu já sei que vão acontecer, coisas fixas ou de coisas que eu parcelei no cartão de crédito - eu tento evitar utilizar exatamente para não perder o meu controle financeiro. Então, o dinheiro que sobra, eu divido pela quantidade de dias do mês que eu ainda tenho pra saber o que eu posso gastar ou não. Óbvio que isso vai variar, então tem dias que eu gasto menos e aí nos outros dias eu posso gastar mais. Geralmente eu faço essa compensação porque sei que dias da semana eu gasto menos, final de semana eu gasto mais. Já corri atrás de entender um pouco melhor sobre investimentos, então já comprei algumas ações que me renderam um valor ok, foi baixo porque o meu investimento foi baixo. Já quebrei a cara algumas vezes. Quando a gente olha pro lado, muito se fala sobre ser uma coisa fácil de você conseguir. Pelos menos de acordo com os produtores de conteúdo que estão cada vez mais falando sobre isso, eles tentam passar a ideia de que é algo fácil, mas quando você vai olhar ao seu redor mesmo, as pessoas que falam que sabem de fato sobre isso não param pra te explicar como fazer na prática.

Eu queria muito aprender e não tinham pessoas do meu lado que parassem pra me explicar, então fui correr atrás desses produtores de conteúdo, fui lá na internet ver o que tinha de informação disponível. Foi muito na tentativa e erro, óbvio que tiveram erros e por isso eu perdi dinheiro, mas em compensação o saldo geral foi positivo e eu ganhei mais do que eu perdi. Eu estava fazendo muito essa tentativa com ações, que é algo muito volátil no dia a dia. E a minha ideia, do próximo passo é, não enxergo mais acompanhando essas ações no dia a dia e queria fazer investimentos a médio e longo

prazo pra sonhos e vontades que eu tenho de realizar. Pensando que agora sou nova ainda tenho 22 anos e mais lá pros 30 eu quero ter algumas conquistas realizadas que eu acho que ter esse dinheiro rendendo pode me proporcionar.

E3: Eu acho que eu vivo um inverso, eu tive exemplos tão fortes que eu sou contrário. Eu quero ter total autonomia do meu dinheiro, eu até vejo um pouco como o problema. Eu podia ser mais aberta a ouvir, às vezes meu namorado fala alguma coisa e minha vontade é de falar “não se mete, é meu” e eu não quero ser assim. É obvio que eu tenho que ser aberta as coisas, só que eu tento estudar, tento ter o máximo de conhecimento dentro do que eu consigo para me sentir segura. Eu não consigo me sentir segura, só porque meu namorado me recomendou algo, eu realmente preciso estudar, e confiar em mim. Eu tenho muito isso, preciso estar segura de mim mesma. Eu fui por um caminho inverso de querer eu mesma ter total controle e conhecimento do meu dinheiro. Seu que fui muito influenciada por esses exemplos, no sentido de “não quero ser assim”. Minha mãe é incrível, mas nesse quesito, eu sempre falava que queria ser mais independente para tomar minhas próprias decisões sem precisar validar com outra pessoa. Hoje eu me pego talvez em outro problema, existem os extremos, ou você quer consumir demais ou você quer guardar demais. Às vezes, eu sinto que eu tenho problema de guardar demais, me privar de algumas coisas que eu poderia fazer uma vez ou outra, mas eu fico me privando pra guardar dinheiro. Nisso eu penso que a gente nem sabe até quando vai durar. Tento muito refletir sobre isso, pra minha relação com o dinheiro não ser uma relação de querer segurar demais. Já melhorei bastante nesse sentido, mas acho que pelos exemplos minha reação foi de ir para o completo oposto, que também não é saudável. Eu acho que tem que existir um meio termo, estar aberto para ouvir sugestões, não querer ter o completo controle e nem você ser a pessoa mão fechada que não quer gastar com nada.

E4: Na minha perspectiva, e na minha realidade, a educação financeira é péssima. Sempre foi péssima.

Eu não cresci nem com minha mãe biológica nem com meu pai biológico, cresci com uma terceira pessoa. Essa terceira pessoa que eu chamo de pai, ele tinha uma visão boa financeira. Ele sempre falava que tinha que guardar para controlar a entrada e a saída. Só que ele se foi quando eu tava ali, com 20 anos, tinha acabado de entrar no meu primeiro emprego e quando ele se foi, eu me vi ganhando 900 reais, tendo que pagar uma faculdade de 1000. Como eu fiz isso? Não sei, e foi aí que começou o bololô da

minha vida financeira. Depois eu passei pra uma faculdade federal, mas, fui cuidar de uma casa sozinha porque meu ex-marido não trabalhava. Então tudo isso contribuiu para uma educação financeira muito ruim para mim. Depois que meu pai morreu acabei me aproximando da minha mãe. Ela é o sinônimo de falta de educação financeira.

Quando meu pai morreu, ela ficou com a pensão dele, que não era um valor alto, mas isso em 2002, eram 3500 reais. Mesmo com esse dinheiro ela me acordava às vezes de manhã pra falar assim: “Você não sabe, olha só paguei o cartão de crédito, paguei isso, paguei aquilo. E acabou. Não tem dinheiro para as compras de mercado.” Ela esquecia de compra de supermercado, sabe? E a minha mãe até hoje é assim. Meus irmãos ainda estão se formando. Meu irmão, agora está trabalhando, mas a minha irmã não. Eles dependiam muito de mim para coisas básicas, tipo, quero fazer uma academia. “Me ajuda, quero fazer um inglês, uma psicóloga, eu que ajudava eles nessas questões, porque o dinheiro da minha mãe nunca dava. Ela hoje tem de renda o aluguel de uma casa, a pensão, o salário do trabalho e mesmo assim o dinheiro dela nunca dá.

Vejo que isso acontece porque ela tem um carro zero na garagem, tá sempre comprando roupa nova, ela não deixa de fazer a unha e o cabelo direto. Primeiro a unha, o cabelo e depois a comida, tá? É nesse nível, almoçar fora? Não. Ela prefere fazer o cabelo ou comprar uma roupa, a estética e a aparência pesam muito. E aí a minha educação financeira ainda é péssima porque hoje eu não consigo guardar dinheiro e eu não consigo falar não pros meus irmãos sempre que eles me pedem alguma coisa, seja um tênis, academia, psicóloga, então eu sou uma adulta com 2 filhos emprestados.

Eu acho que é uma coisa da população, principalmente quando você olha para a população que não teve uma educação. A minha mãe só estudou até a sétima série e aí o meu pai, que me criou, que me dava uma base boa, ele tinha ensino superior. Você vê a diferença de como ele percebia que o dinheiro pode sim ser um aliado. E eu também acredito que isso forma insegurança nas pessoas. A minha mãe é uma pessoa totalmente insegura, que não sabe o dia de amanhã e eu estou me tornando essa pessoa, repetindo comportamentos.

E5: O meu pai é comerciante, ou talvez, empresário. Ele tinha uma oficina mecânica, ele era o dono, então eu cresci vendo a relação dele de deixar as contas em ordem. Ele tinha uma fala muito forte de nunca entrar em dívida. Então, essa fala dele, desde pequena, eu ver ele todo final de semana fazendo a contabilidade na mesa da cozinha,

tendo essa filosofia de comprar o que você consegue pagar, ele me deu muita maturidade financeira. Essa maturidade veio muito cedo, eu inclusive não queria que tivesse vindo, porque eu me tornei uma criança que aos 7 anos de idade abriu mão de comprar um sorvete porque eu precisava juntar para minha barbie, por exemplo. Eu queria não ter sido tão envolvida nesse universo pra ter usufruído da minha inocência um pouco mais. Eu sempre fui a filha, sobrinha, amiga, vizinha que negava as coisas com o pensamento de que estava juntando pro meu porquinho, era imediato esse pensamento de que eu tinha um grande objetivo no final. Minha relação com as finanças é ótima.

Então, eu tenho a minha mãe como exemplo de uma mulher que não queria voltar para aquela primeira origem, que sabe fazer uma boa gestão do dinheiro e realizou diversos sonhos com um salário-mínimo. Meu pai, que eu cresci vendo esse comportamento de controle e, nisso, eu também era do universo de exatas. Eu adoro, recentemente comprei uma moto porque eu vi o salário do meu marido, fiz todo um cálculo, um planejamento de 5 meses e aí conseguimos comprar a moto. Tudo tem um porquê por trás.

E6: Minha relação com dinheiro foi difícil, mas fui amadurecendo e tornando essa relação mais leve. Ela sempre foi muito pesada, no sentido de assim, se eu quisesse comprar alguma coisa, eu precisava achar a mais barata. E eu não sossegava nem depois que eu comprava, eu ficava olhando “será que eu fiz um bom negócio?”, “Eu não devia ter olhado mais?”. Se eu achava algo mais barato eu ficava arrasada, achando que eu não procurei direito. Eu cheguei ao cúmulo de, assim, quando eu comecei a morar sozinha, que na verdade já foi casada, eu ia em três supermercados e comprava o que tinha de mais barato em cada um. Eu ia em cada um ver “ah o arroz tá mais barato nesse”, “a carne tá mais cara naquele”. Só que aí, com o tempo, eu também fui pensando que o tempo é dinheiro. Eu gastava um tempo absurdo, com coisas pequenas, as vezes pra economizar um real, era uma economia meio burra. Se eu pensasse quanto vale a minha hora e quanto tempo eu estou gastando pra economizar um real, dois reais, era completamente distorcido.

Ai, eu comecei a tomar consciência disso, já bem mais velha. Até porque isso me angustiava muito, de pensar se eu fiz a melhor escolha, a mais eficiente, a mais barata, comprei o melhor produto pelo melhor preço. Aí eu comecei a mudar a questão de preço pra valor, comecei a aceitar que algumas coisas eu valorizo são coisas mais caras. Eu, por exemplo, gosto de comer bem, então eu topo pagar uma coisa mais cara porque eu valorizo. Não é uma questão de preço, é uma questão de valor. Eu comecei a fazer essas

reflexões porque antes, por exemplo, eu entrava em uma liquidação de roupa e comprava um bando de coisa barata e não gostava de nada depois. Assim, a economia mais burra, eu tinha 10 blusas, só usava uma, passava dois anos e doava tudo. Completamente sem noção. Isso foi um processo, hoje, não estou 100%, mas eu acho que melhorei muito nessa relação com dinheiro principalmente nessa questão de compra e de “ter”. Hoje eu compro muito menos e com mais qualidade.

E7: Eu vim de uma família consumista. Meu pai e minha mãe. Meu pai tem uma relação com o dinheiro que tornou esse assunto um assunto de dor pra minha família. Depois que meus pais se separaram, sempre era briga por causa de dinheiro. O dinheiro foi se tornando algo pesado e dolorido pra mim. E eu sempre fui muito consumista, mas no momento que eu me vi nessa situação, do meu pai “porque ah eu tive que me separar porque eu não tinha mais dinheiro”.

Eu me vi numa relação com o dinheiro tão desesperadora que eu não conseguia gastar mais nada e eu colocava no trabalho todas as minhas energias. Porque no trabalho, eu via que era a minha única fonte de salvação. Eu tenho muitas crises de futuro, de o que eu tô fazendo na minha vida, muito relacionadas ao dinheiro. Eu sempre busco locais em que eu me sinta estável, eu não gosto de muitas mudanças, eu quero sempre uma coisa mais segura justamente por conta dessa instabilidade que eu passei dentro da minha casa por conta do dinheiro. Eu tenho medo de que isso se torne um problema pra mim no futuro. Eu sempre busco estabilidade pra ter certeza que vou conseguir continuar gastando meu dinheiro. Eu gostaria de conseguir ter uma educação financeira melhor. Eu tenho ciência de que pra minha idade eu ganho bem comparada ao resto do país e o meu dinheiro praticamente não sobra. Então eu fico, o que eu tô fazendo de errado? Eu tô comprando muito, eu me vejo comprando muito. Às vezes eu gasto muito no impulso e eu gostaria de juntar mais dinheiro, investir mais pra usufruir depois. Nisso, eu também penso que a gente tá vivendo o agora, eu não sei se terei o depois pra usufruir.

E8: Então, eu tô no meu primeiro emprego então antes eu não tinha tanto contato com dinheiro. Agora que eu tô trabalhando, eu sinto a responsabilidade, tô tentando controlar o quanto que eu gasto, sempre com uma quantia guardada pra quando meu contrato acabar eu não ficar sem chão. Separo uma quantia pra gastar e a outra eu guardo, é basicamente isso.

E9: Bom, eu acabo me sentindo mais tranquila quando eu comparo com extremo da minha mãe. Não sou muito preocupada em relação a deixar dinheiro com o banco. Enfim, eu sei bem como funcionam as instituições e sistemas financeiros no Brasil, mas ao mesmo tempo, também não sei muito relacionado a investimentos. É mais em CDI, e coisas sem risco.

Muito por falta de tempo, eu também não tenho muito tempo para poder ficar estudando, entendendo qual é o melhor lugar para colocar o dinheiro. Eu acabo colocando em algo que eu sei que vai ser bom. Sei que também não tenho tanto dinheiro agora, então não vai fazer uma diferença absurda, então, okay. Mas também já teve uma época que investi em mais alto risco, nas criptomoedas. Então eu acho que sou bem flexível. Hoje em dia eu acabo deixando mais no menor risco que não seja poupança. Eu entendo um pouco sobre como funciona o mercado e hoje em dia, eu invisto de alguma maneira, mas é, é isso. Bom, eu acho que é muito isso e também por falta de estímulo. Eu sempre tive oportunidade de aprender mais sobre o mercado financeiro ao meu redor, meu irmão, meu namorado e a maioria do pessoal da faculdade trabalha nessa área. A maior parte dos meus amigos seguiu nessa carreira de mercado financeiro, mas nunca foi algo que me interessou e exatamente por algo que a gente até a gente já conversou anteriormente, porque eu sempre tive receio de me colocar nessa posição. Antes de escolher o que eu ia trabalhar, eu pensei muito, principalmente em relação ao mercado financeiro. Sei que o trabalho é alto e a remuneração também mas desconsidere logo de cara pela questão de saber como funciona para muitas mulheres. Eu lembro que assisti uma palestra que sobre mulheres no mercado financeiro e me marca até hoje, uma mulher falando sobre uma situação em que ela era uma das maiores lideranças da empresa e só por ela ter chorado em uma reunião de trabalho, ela perdeu a posição. E ela citou que por simplesmente mostrar uma fragilidade, em um momento que ela estava passando por muito, muito sufoco, com outras questões mais internas, ela perdeu uma posição sendo que ela nunca deixou de entregar. Esse caso me marca bastante porque sei que não é o único. Você quase não vê mulheres em empresas assim. Eu não me sinto representado nessas empresas, então foi algo que desde o início já me trouxe um afastamento. Assim acabei não tendo interesse em trabalhar e também em estudar.

E10: Antes da faculdade, muito do que eu sei veio do meu pai. Eu tinha aquela noção de poder guardar um pouquinho ali pra alguma coisa que eu quisesse comprar. Então, desde que eu me lembro, desde muito nova, sempre poupar um pouquinho da mesadinha

que meu pai me dava. Também sempre gostei de vender as coisas para conseguir, por exemplo, um extra. No ensino médio eu vendi brigadeiro porque queria comprar um iPhone e daí eu fui tento essa noção maior. Bem mais nova eu vendia as pulseirinhas que eu fazia, então sempre tive esse espírito de negócios e ganhar dinheiro. Mas só fui aprender realmente na prática sobre o mundo financeiro, mercado financeiro, investimentos.

No final da faculdade eu comecei a estudar cada vez mais e comecei a gostar. Nessa mesma época meu pai ganhou um processo e conseguimos investir esse dinheiro. Eu me vejo muito curiosa aí comecei a estudar cada vez mais, o primeiro passo foi investir aí comecei a fazer vários cursos cursos, fiz até sobre day trading. Experimentei, perdi dinheiro, vi que não funciona, mas foi bom para conhecer, não é? E hoje, depois que eu comecei a trabalhar e a me bancar, eu vejo que eu agradeço pela visão que eu tenho. Sei onde é que eu tenho que poupar, acompanho meus gastos, acompanho o quanto eu ganho. Tenho a visão ao longo do ano, de quando eu consigo poupar ou se eu vou ficar ali no zero a zero, vou acompanhando. E os investimentos? Sempre procuro estar fazendo um aporte, mesmo que pequeno. Não dá para abraçar o mundo, mas dá para ter consciência sempre.

E11: Eu sinto que hoje minha relação tá bem melhor com o dinheiro. Antes eu não pensava muito antes de comprar, nunca fiquei endividada, mas saía comprando. Eu vejo minhas amigas falando sobre ficar no vermelho e eu graças a Deus nunca fiquei. Daqui pra frente talvez eu tenha um pouco de vontade de conhecer mais, talvez arriscar, mas sozinha a insegurança é grande. Você trabalha muito pra você arriscar, na minha cabeça eu prefiro estar mais resguardada.

E12: Minha relação com dinheiro é boa. Queria ter um pouco mais de liberdade, mas eu escolhi esse caminho. Hoje eu não tenho renda própria, eu dependo 100% do meu marido pras coisas que eu quero. Então, minha relação se baseia em basicamente administrar o que ele me dá pras coisas da casa e, o que sobra eu vejo pra mim. Quando quero fazer uma coisa maior, tipo, pintar o cabelo no salão, eu preciso pedir, mas isso não é um problema. De certa forma acaba não sendo boa e sendo muito conflituosa, você precisa abaixar a cabeça pra muitas coisas porque não tem muito o que fazer, você precisa daquilo.

4) Na sua família, havia o hábito de discutir sobre dinheiro? Se sim, quais são os assuntos que mais se destacam em sua memória, tanto no passado quanto atualmente?

E1: Desde que eu tive meu primeiro emprego, meus pais eram daqueles pais que falavam “ah, não, é um dinheirinho seu, fica com você”. Nunca paguei nada em casa, mesmo trabalhando. Então, eu só fui ter realmente noção de dinheiro como realmente meu, de ter que administrar para que não faltasse, quando eu saí da casa dos meus pais. Aí eu comecei junto com meu marido a botar na mesa essas coisas, o que que você vai pagar, o que eu vou. Porque, na minha casa mesmo, enquanto solteira, meus pais achavam que eu trabalhava estudava o dinheiro, que eu ganhava, era o dinheiro era meu e não me cobravam nenhuma continha de telefone.

Mas assim, por conta disso, eu nunca fui uma pessoa que ficou acomodada. Eu sempre consegui as coisas, porque eu trabalhei desde muito cedo, desde 18 anos eu comecei a trabalhar. Mesmo morando com os meus pais, eu comprei meu primeiro carro zero, porque eu passei num concurso, tinha uma estabilidade no trabalho que me permitia ter uma prestação tranquilamente sem depender de pai e mãe.

Muitas coisas eu já fui mais ou menos me desenvolvendo. Agora, realmente, depois que eu saí da casa dos meus pais, que eu senti o peso da responsabilidade de uma casa junto com o marido. Falávamos mais sobre divisão de contas e só. Esse negócio de aplicação os dois iam na poupança, como é que a gente ia fazer para conseguir comprar o primeiro imóvel, onde é que a gente podia economizar, cortar. Ele também não tinha muito conhecimento na área de aplicar dinheiro. Vamos combinar, a situação no Brasil é uma situação que não dá pra você ficar aplicando, não é todo mundo que tem dinheiro para aplicar. A gente não tinha nenhum imóvel para morar, a gente morava de aluguel e tinha esse objetivo antes de tudo. Com o aluguel tivemos que administrar, conseguimos, entramos em consórcio. Assim, a gente administrava, mas não com essa parte de aplicações, de fazer render o dinheiro. Era mais com a parte de distribuição, onde cortar, onde colocar, como economizar.

E2: Assim, a minha mãe, de certa forma, me dava orientações sobre isso, mas eu enxergando como ela lida com dinheiro no dia a dia, eu sei que ela me deu o máximo de informações do que ela podia dar naquele momento. Então, o que ela fazia basicamente pra eu ter algum contato e controle de dinheiro era sobre merenda na escola.

“Eu vou te dar 10 reais” a comida era sei lá R\$2,50, R\$3, o que hoje é um absurdo de barato, mas na época, não era. Nisso, eu ia entendendo quais dias eu levava biscoito de casa e quais dias eu podia comer na escola. Ia fazendo essa conta, tanto que na época eu tinha interesse de comprar uma roupa, por exemplo, então eu parava de comer na escola pra juntar esse dinheirinho e no final do mês me compensar com uma roupa. Era mais ou menos assim que eu lidava com dinheiro na minha educação com os meus pais.

Mas eu vi a minha mãe também muito consumista com roupa e com várias coisas nesse sentido, maquiagem, enfim. Eu acho que me influenciou de certa forma a ter mais dificuldade também em juntar dinheiro. Não acho que ela fez de maldade, acho que é realmente como a nossa sociedade funciona e como a gente é instigada a isso no dia a dia.

E3: Sim, meu pai é formado administração então ele gosta bastante e ele não trabalha com nada relacionado a área, mas ele sempre fala: “eu não trabalho com isso, mas eu sou administrador e eu sou administrador no meu próprio dinheiro”. Então meu pai é um exemplo para mim, ele sempre conseguiu conquistar as coisas que ele quis. Não porque ele ganha milhões e sim porque ele tem uma disciplina financeira muito grande de economizar todo mês, se ele ganha qualquer aumento ele guarda aquele dinheiro.

E ele sempre trouxe bastantes isso, então desde que eu sou pequena, meu pai sempre deu uma mesada simbólica para a gente, para a gente saber da importância de poupar. Sempre falando “olha, esse aqui é o seu dinheiro, você pode fazer com ele o que você quiser, se conseguir fazer com que ele vire mais dinheiro, melhor ainda para você”. Isso me influenciou de começar a vender coisas para querer transformar o meu dinheiro em mais. Esse assunto entrou na nossa casa muito por conta dele.

Eu converso muito com meu namorado sobre fazermos alguns estímulos com nossos futuros filhos relacionados a dinheiro para eles entenderem a importância. Pra desde pequeno gerar uma motivação em conseguir guardar dinheiro, entender que o dinheiro não é só um papel, que em valor. Eu quero bastante por esses assuntos na minha família.

E4: Meu pai conversava. A gente não tinha mesada, mas assim, quando queríamos algo precisávamos pedir e ele sempre conversava sobre. Falava sobre não fazer como a minha mãe, que precisamos ter o controle do que entra e o que sai. O que entra, tem que ser sempre maior do que sai. Você tem que guardar pelo menos 10% do que você ganha pra

uma emergência. Então ele sempre falava essas frases, sabe que são coisas que ficam marcadas.

Aí eu não falei do meu pai biológico, né? Meu pai biológico tem uma condição financeira muito boa. Os meus irmãos, por parte dele, ganharam carro, tiveram a faculdade paga. Eles têm uma condição financeira muito boa. Tem casa em angra, hoje ele tem 2 carros muito bons. Então assim, ele vive também em uma vida bem tranquila. Só que eu não usufruí disso.

E5: O conhecimento que meus pais me passaram não era formalizado. Quando eu acompanhava eles em diversas situações, eles desabafavam falando o porquê eles tomaram aquela decisão. Por exemplo, nós decidimos vir para essa casa, ainda no reboco, porque a gente conseguiria poupar o aluguel de outro lugar. Então nós optamos por morar aqui enquanto ainda estávamos finalizando o acabamento. Isso começou a me dar percepções de “nossa, que interessante, você poupou 8 meses de aluguel em outro lugar e decidiu vir pra cá. A gente perdeu um pouco de conforto no início, mas olha como valeu a pena”. Eu aprendi assim, muito no dia a dia a dia deles, não era formalizado. O que tinha muito na nossa família era em um almoço de domingo, contar sobre a situações, por exemplo “seu pai tá querendo comprar um carro, o que que vocês acham sobre isso?”. Então a gente tinha uma certa propriedade pra falar sobre e dialogar.

Inclusive, também já me vejo trazendo esse assunto pra dentro de casa. Quero dar mesada pros meus filhos, inserir os assuntos de gestão, como “cuidar do porquinho”. Eu já faço isso com os meus primos, eles me chamam de prima mão de vaca e eu falo que eles vão me agradecer no futuro. Falei pra você né, que eu fui a criança que eu não queria ter sido tão exposta a esse universo, mas isso não quer dizer que eu não vou fazer isso com os meus filhos, provavelmente de forma mais leve.

E6: Na minha casa, a questão de dinheiro, primeiro, assim, quando eu era criança, o dinheiro era pouco. Então, era muito de economia mesmo. Sim, tive uma orientação, mas no sentido de não fazer dívidas, só gastar o que eu tinha. Tudo de forma bem conservadora, igual meus pais. “Não dê passo maior que a perna, o que você gasta precisa ser compatível com o que você ganha”. Isso era muito o retrato do dia a dia da minha casa é isso era falado mesmo. Não é uma educação financeira de alguém que entenda, eles são do nível conservador. “Sempre compre a vista”, “sempre peça desconto”, essa é a visão dos meus pais.

Eu herdei muito das questões dos meus pais. Apesar de eu trabalhar num banco — que não é de investimentos — eu sou superconservadora e eu passo isso. Eu morro de medo, medo de risco, aplicações de risco. Prefiro ganhar menos, arriscando menos e acabo falando sobre isso com meu filho. “Tenha sempre um dinheiro de reserva”, Além de não gaste mais do que tenha, tira um pouquinho pra ir guardando” são frases que eu trago bastante.

E7: Não. Meu pai sempre foi muito fechado em relação ao dinheiro então ele nunca falou, nem quanto ele ganhava, nem quanto ele gastava. O meu pai, quando era casado com a minha mãe, ele nunca disse não, principalmente pra mim. Tudo que eu pedia ele dava um jeito de comprar. E, eu só fui entender a relação dele com o dinheiro quando eles se separaram que isso começou a ser uma questão a ser aberta. Ele falou que estava com várias dívidas e que a gente gastava muito só que eu nunca soube disso, isso nunca foi colocado na mesa. Parecia que era um assunto proibido, é o meu pai minha muito essa relação com o dinheiro. Antes de eu começar a faculdade, ela tava em greve e eu queria começar a trabalhar em um emprego de vendedora pra ganhar meu dinheiro, umas roupinhas, eu tinha 18,19 anos. Eu não tava fazendo nada em casa esperando as aulas voltarem, meu pai achou um absurdo “você acha que eu não posso te sustentar?” muito com essa visão.

Parece que depois que eles se separaram deu pra ver que tudo era sobre dinheiro, todas as brigas, todas as discussões, era sempre sobre isso. É uma relação complicada, o dinheiro na minha família. E a minha mãe ainda era dependente do meu pai financeiramente. Ele era o único provedor da casa, ela parou de trabalhar quando ele nasceu e ela tinha voltado a trabalhar um pouquinho de antes deles se separarem. Ela ficou 16 anos parada no mercado, então ela não voltou com um salário bom. Minha mãe ganhava x e meu pai 30x, era uma discrepância muito grande, então sempre foi uma questão.

E8: A minha avó conversa bastante comigo sobre isso. Ela fala que a vida não é só momentos bons, que eu não vou ser jovem pro resto da vida, que preciso guardar um pouco pra uma emergência. Sinto que ela se preocupa bastante então sempre conversa comigo, me explica como funciona as coisas no banco, que eu não posso gastar tudo de uma vez. Tudo que eu sei vem muito da minha avó. Eu vejo como algo necessário, é o tipo de conversa que todo mundo deveria ter com os filhos. É o que minha avó fala, a gente não fica vivo pro resto da vida então precisamos passar essas coisas.

E9: A minha mãe nunca trouxe esse assunto. Ela tem mais confiança no meu namorado para investir o dinheiro dela do que comigo. Pra ela, tem que ser tudo secreto, nas escondidas. Ninguém pode saber o quanto que ela tem. Então a gente tem uma relação assim muito difícil em relação a dinheiro. A gente não conversa sobre.

E10: Não era. Durante meu crescimento não era muito falado, mas minha mãe era aquela pessoa de poupar, comprar sempre o mais barato, ela segurava bastante, sempre escolhendo onde gastar, onde não gastar. Ela sempre limitava e meu pai já gastava muito, sempre fazia tudo que a gente queria, comprava tudo que a gente pedia.

Hoje eu vejo e fico, meu Deus, quanta besteira eu comprava. Ele adora fazer a minha vontade e das minhas irmãs e aí eu sempre via ele comprando coisas boas e tudo mais. Então tinha esses 2 lados em casa, minha mãe que guardava muito e meu pai, que adorava gastar. Ao mesmo tempo, ele provia o maior sustento da família e tudo mais, mas acho que era necessária minha mãe ali tentando barrar as coisas.

E11: Não eram nem conversas muito amigáveis. Eu via muito brigas, minha mãe falava que a gente ia perder tudo, que tinha que levar em consideração os 4 filhos e ele não se preocupava muito com o amanhã não. Na época, minha mãe assumiu a loja e meu pai tava enrolado com agiota e ela assumiu a cobrança porque ele nunca terminava de pagar, sempre pegava mais dinheiro. Na época eu lembro que foi muito “como é que pode uma mulher, frear um homem e resolver as dívidas?”. Ela mostrou pra ele que não seria assim, de quinze em quinze dias ela ia lá e dava uma quantia. Ela finalizou aquilo sozinha. A loja da minha família também passou muita dificuldade por conta da irresponsabilidade financeira dele. Ela conseguiu pagar dívidas dele, levantar a loja. É o que eu falo pras minhas filhas, minha mãe estudou como se fosse só o primário. Ela não chegou nem a fazer o antigo ginásio, as pessoas até se questionavam como ela tinha essa cabeça porque se não fosse por ela, a gente ia ficar sem nada.

Minhas filhas já cresceram vendo meu marido sempre muito organizado, com uma consciência boa do dinheiro. Desde sempre conversamos o momento das coisas, que as vezes não dá pra fazer porque agora não tem o dinheiro, porque é arriscado. Ele sempre foi mais seguro em tudo então eu até aprendi bastante com ele. Antigamente eu não era assim, mas hoje eu dou mais valor.

E12: Vim de uma família muito pobre então dinheiro nunca foi um assunto porque não tinha o que ser falado. Hoje eu tento mostrar um caminho diferente pra minha filha. A

vida toda falei pra ela que estudar era o melhor caminho pra não depender de ninguém, que é importante sempre ter um bom dinheiro guardado pra uma emergência. E que essa independência ninguém tira dela, quis mostrar a oportunidade de um caminho diferente.

5) Comente sobre seu conhecimento em finanças e como o adquiriu.

E1: Muito básico, consigo entender o básico de divisão de contas, organizar, limite mensal. Esse conhecimento veio no dia a dia mesmo, de conversas com meus pais, trocas com o meu marido.

E2: Como eu citei, acho que alguns produtores de conteúdo né, os influenciadores que a gente ta vendo aí cada vez mais em ação, me ajudaram muito. Tanto que eu até comprei um livro da Natália Cury, que tem um dos maiores canais de finanças do país, se chama Me Poupe. Ela pega todos esses tecniquês da economia e tenta trazer um pouco mais simplificado. Tem outras pessoas também, tem o Tiago Nigro - primo rico - tem a Nat Finanças, mas eu realmente me pautei muito na Natália Arcuri. Vejo que a forma dela de se comunicar e de trazer essas instruções, para mim, é mais fácil e clara. Então, teve também vários sites da internet, que destacar no Google e correr atrás da informação mesmo. Mas eu acho que a maior agente que me ensinou sobre isso foi Natália Arcuri.

Acho que meu estilo nisso é meio corajoso (risos) brincadeira! Meu conhecimento é baixo, mas eu acho que a minha curiosidade está fazendo com que ocorra, mas atrás de informações, para se Deus quiser, aí num futuro próximo, eu ter avançado mais e mais. Abrindo aqui o meu planejamento de vida, eu não penso em ficar até meus 60 e poucos anos, que é quando aqui no Brasil a gente pode se aposentar, trabalhando. Eu penso em conseguir juntar um volume bom de dinheiro e colocar ele para render. Pensando que num futuro, lá para os 40, 50 anos eu consiga dar uma pausa, aí viver de renda mesmo, realizar o meu sonho, e curtir a minha vida.

E3: Sinto que meu conhecimento é médio. Há pouco tempo eu com certeza falaria básico, mas pensando comparativamente, a gente tende a sempre olhar para cima, de quem sabe mais que a gente. Com meu pai eu aprendi mais a questão de controle de orçamento, em relação a ele ter sempre sido muito organizado com o dinheiro dele. Meu namorado também me ajudou muito a aprender muitas coisas, a saber onde procurar também. A faculdade também foi um pilar muito importante pra mim nisso, depois que

eu fiz gerência financeira eu comecei a gostar muito de finanças. Foi quando eu olhei falei assim “eu gosto disso”. Na minha cabeça achava que eu não gostava, mas quando eu comecei a estudar de verdade, eu adorei.

E4: Como o dinheiro começou a me trazer insegurança, já que depois que meu pai morreu, o meu marido não trabalhava. Eu ficava pensando assim, eu não tenho ninguém, sabe? Se eu precisar de um recurso, eu não tenho ninguém. O que que eu faço? Eu comecei a comprar livros sobre o assunto. Eu não lembro, mas agora o nome, o primeiro que foi era um rosa de educação financeira para mulheres. Depois eu li da Nathalia Arcuri, do Tiago Nigro. Fui pesquisando mais sobre o assunto através de livros, eu também escutava podcasts sobre isso, então teve uma época que eu comecei a consumir bastante coisa. Acredito que o meu conhecimento é médio, porque se eu quiser hoje fazer um investimento, eu sei que eu consigo entrar e fazer. Sei diferenciar os tipos também. Sei meu perfil.

E5: Eu adoro ver vídeos sobre finanças, assisto a vários vídeos no YouTube. Comprei um curso da Nat Finanças, nesse caminho eu entrei para o universo das criptomoedas e da bolsa de valores, então sou uma estudiosa no tema. Sinto que poderia ser mais, pelo tempo que eu estou vendo isso, poderia dominar mais, mas eu não sou uma ignorante.

Em relação ao meu conhecimento, eu sinto que é médio, começando no avançado. Pra fazer imposto de renda eu tive que estudar tanto sobre isso, em relação as minhas criptomoedas, meus investimentos, são tantos detalhes pra se aprofundar e sinto que aqui eu entrei nesse universo de forma mais profunda.

E6: A gestão do meu dinheiro hoje não é uma preocupação pra mim, eu não faço gestao, eu reservo um orçamento e dele eu faço o que eu quiser. Qualquer coisa fora disso, uma viagem, um apartamento, um carro, aí sim, aí eu me planejo, eu faço isso mais organizadamente. Sinto meu conhecimento bom, médio. Agora, em relação a aplicação, eu morro de preguiça. Então, eu comecei a um tempo atrás a ficar olhando, pesquisando, qual é a melhor aplicação.

Sempre sobra um pouquinho do meu salário, alguma coisa sempre sobra, até porque eu tenho essa cultura de guardar. Então, eu pego esse dinheiro, antes eu olhava, pesquisava, qual a melhor aplicação do mês, ia na internet, olhava o que três bancos tão falando, via o que tá convergindo, seguia as tendências de mercado. Hoje em dia, eu vou de forma conservadora, em relação a investimentos coloco no LCA, que eu conheço o

comportamento dela, não ganho muito, mas também não perco, então tá beleza, boto lá. Prioritariamente, se é um volume maior eu avalio o tesouro direto. Ai lá, eu faço uma pesquisa meio de internet pra ver o que tão discutindo, qual é a melhor aplicação do tesouro. Então, eu não entro no nível de entender o mecanismo. Porque tem gente que fala “em tal cenário, que a inflação vai subir, então eu tenho que pegar no IPCA...” eu não entro nesse mérito. Eu pego análises alheias, bato com a minha e compro quando da. Não porque eu não seja capaz, mas porque eu não tô a fim de entrar nessa discussão e ficar fazendo projeção de PIB, ficar olhando as projeções do banco central, da inflação, porque eu conheço gente que faz.

E7: Eu e o meu namorado somos bem-organizados com as nossas finanças. A gente tem os deslizes porque a gente gosta muito de sair pra comer, pedir uma comida em um lugar diferente, mas no final a gente sempre tem a consciência de que a gente pode gastar tanto. Muitas vezes ele não é impulsivo, eu que sou e ele acaba estabelecendo esse limite. Eu sinto que meu nível de conhecimento é baixo.

E8: Meu conhecimento é bem simples, o que minha avó me ensinou mesmo. Na escola eu não aprendi nada, zero base mesmo. Em relação a pesquisa pessoal, pouca coisa e geralmente quando minha avó não sabe.

E9: Olha, eu nunca tive muito interesse, mas querendo ou não, não sei exato, mas desde quando eu entrei na faculdade, sempre foi algo que minimamente me interessou. Até escolhi meu curso por causa disso. Sempre me dei melhor com números. Então finanças foi algo que sempre me atraiu. Penso muito no impacto que isso pode ter na sociedade. Então assim, eu acabei me aprofundando mais exatamente por isso.

Na faculdade, o conhecimento de contabilidade é bem diferente e complexo, mais gerencial, na empresa júnior eu também acabei me interessando mais nessa área. Enfim, esse lado de exatas eu acho que é isso, eu gosto de trazer comigo. Em relação a parte de finanças eu não sei exatamente de onde veio até por ser básico, eu só tenho uma maior noção de mercado, por exemplo, por conta da faculdade de economia.

O outro lado de conhecimento que eu trouxe foi além da faculdade, né? Foi mais de contato com os meus amigos, com meu namorado também. Eles trabalham nessa área então não tem como não ficar sabendo. Acabo falando com eles para entender melhor onde alocar melhor meu dinheiro. Enfim, são pessoas que estão mais antenadas, então eu gosto de conversar bastante sobre isso. Eu gosto de entender melhor. E assim eu gosto

muito de ver a notícia no dia a dia. Sempre tento me atualizar dentro do possível e é mais isso. Em resumo, foi mais minha faculdade, amigos, empresa júnior e os jornais que assisto.

E10: Meu conhecimento é avançado. Foi muito por acaso que comecei a estudar sobre o mercado financeiro. Foi depois da faculdade, uma pessoa conhecida minha começou a estudar, e por acaso eu fui junto, fui gostando e fui entendendo o que era investir. Acabei investindo um valor do meu pai, fui entendendo que o que é poupar, a gente vai dando as prioridades. Entendi por que deve gastar com que com que não se deve. Então tudo isso, toda essa minha sede por conhecimento financeiro, essa educação financeira veio muito tarde, mas muito antes da maioria das pessoas que nunca tem esse despertar.

E11: A gente vai aprendendo ao longo da vida. Eu nem gostava de cartão de crédito, fui ter mais velha. Minha mãe preferia ter as caixinhas em casa pra juntar e separar. Foi muito de formiguinha. Meu conhecimento veio muito do dia a dia, da minha mãe, do meu marido. Hoje aprendo muito com a minha filha mais velha também. Considero meu conhecimento muito básico mesmo.

E12: Não tenho muito conhecimento, mais o básico mesmo. Guardo o que dá, não entro em dívidas e tento administrar da melhor forma dentro de cada o dinheiro que meu marido dá por semana. Muito veio do comum, o que todo mundo sabe, guardar dinheiro, poupança, essas coisas. E também do medo de viver o que meus pais passaram quando eu era criança.

6) Por que você considera seu conhecimento nessa área da forma como descreveu anteriormente?

E1: Eu acho que uma coisa importante é você fazer o dinheiro trabalhar para você. Então essa parte de aplicação financeira, de você ter um dinheiro, por menor que seja e você conseguir fazer com que ele te renda mais, eu não tenho esse conhecimento. Eu sou muito insegura, eu vejo que tem pessoas que aplicam, que as pessoas conseguem um rendimento bom. Eu sou muito medrosa, justamente por não conhecer, então eu tenho medo de me arriscar, mas eu sei que existe.

É o que eu tô te falando, a gente vê vídeos, a gente sabe pela internet de várias aplicações, mas assim eu não tenho segurança por não ter conhecimento de me atirar numa coisa dessas, em um mercado desses.

E2: Poucas foram as ações que eu comprei, então se eu acho que eu fiz era umas 5 transações, e muito limitadas, muito naquela ideia básica de “ah, eu comprei por x então eu tenho que vender por mais do que x pra eu ter um bom rendimento”. Eu considero básica porque eu queria ter habilidade de fazer outros tipos de transações comerciais e mais rentáveis, acho que o fato de eu ter um pouco menos de conhecimento que me limitou tanto na minha rentabilidade quanto nos formatos disponíveis pra mim.

Pensando sobre, me choca também por ver o quanto as pessoas e, principalmente as mulheres, precisam correr mais atrás de informação porque só a gente conhecendo para dar conta e assumir nossas finanças como um todo.

E3: Eu ainda não me sinto confiante para investir em coisas específicas, mas me sinto confiante para outras coisas. Eu sei minimamente o que impacta pro meu dinheiro render, pra ele não render. Por esses aspectos, eu sinto que é um conhecimento médio. Estou procurando conhecer mais, hoje invisto em algumas coisas de renda fixa exatamente por não me sentir segura em renda variável. Tem muito do que eu trouxe sobre precisar me sentir segura. Mesmo com pessoas próximas dando indicações que eu sei que são confiáveis, não consigo. Eu só me sinto segura se eu tiver o conhecimento do todo. O que eu me sinto segura hoje são com os investimentos no Tesouro Direto, coisas que relacionam com a taxa SELIC, ICMS, que eu já estudei e tenho maior domínio. Por esses e outros eu digo que meu conhecimento não é básico, porque eu sei que básico no Brasil não é saber essas coisas.

E4: Para mim, o básico é aquele que sabe que tem que guardar e guardar na poupança. O médio sabe que existem diferentes tipos de investimento que dá para investir com o objetivo de ter uma renda passiva ali todo mês pra chegar na sua conta, comprar ação, eu sei, só não faço.

Um dos motivos que influencia isso é eu não falar não. Não sobra pra isso. Por exemplo, quando meu tio morreu, eu fui lá pra casa da minha mãe e aí a gente ficou na segunda-feira juntos e a minha mãe falou que queria sair pra comer, mas que não tinha dinheiro. Eu falei, vamos, nessa situação, eu pago para os 4. No outro fim de semana, meus irmãos e minha mãe vem pra cá, acabo pagando pra todo mundo de novo. Eu acho que esse é o

meu problema é falar não, não, não dá pra eu pagar pra todo mundo. Eu nunca vou conseguir juntar enquanto ficar querendo compensar os meus irmãos pra eles não passarem por coisas ou privações que eu passei. Eu acho que isso vai continuar sendo difícil. Tenho que falar não para poder ter uma coisa guardada ali por segurança. Eu geralmente gasto mais com o outro do que comigo.

E5: Digo que eu sou intermediária também porque eu já cheguei nessa etapa de não ter emocional. Quem tá no início disso as vezes fica muito empolgado quando ganha, desesperado quando perde, eu já tenho a noção de parar e olhar mais friamente por conta das percepções que eu construo no dia a dia. Também uso alguns canais pra ver relatórios e me informar mais, sigo nesse direcionamento. Sinto que apesar disso ainda tenho um grande espaço pra alcançar. Eu ainda sou muito, muito dependente de alguns relatórios que as corretoras me passam e sinto que alguém avançado mesmo consegue sacar na hora que viu algo em um jornal ao vivo, por exemplo.

E6: Eu vou dizer que tenho pouco interesse no assunto, no sentido de ser uma pessoa planilheira. Já até fiz, mas eu cheguei um nível que eu me dou a liberdade de ter um orçamento reservado pra eu gastar e estando dentro dele, não tô nem aí. Hoje, eu tornei minha relação mais leve com o dinheiro, então, conhecimento, eu até acho que tenho médio, mas o uso é baixo. Hoje eu me dou a liberdade de, dentro de um orçamento específico, viver numa boa, tranquilamente, sem estresse. Se passar disso, eu já penso, entra em outro esquema. Mas não é tão pesado quando era antes.

E7: Considero básico porque a gente sempre tenta se organizar, a gente faz uma planilha, com nossos gastos fixos, os gastos variáveis previstos e o dinheiro que a gente pode guardar. Mas em termos de educação financeira, conceitos, eu não sei quase nada. Eu invisto em poupança, eu tenho receio de investir. É uma trava que eu tenho em mim e eu não confio. Eu prefiro ir no seguro mesmo que tenha uma taxa menor, eu sei que é seguro.

E8: Não coube.

E9: Entra muito na falta de tempo mesmo. Eu acabo me comparando com pessoas ao meu redor que estudam sobre, então eu vejo que sei o básico para poder me beneficiar. É algo que não tem como a gente deixar de lado, porque é algo intrínseco, né, ao nosso dia a dia. Um dia a gente vai se aposentar, enfim. A gente precisa saber como alocar melhor nosso dinheiro, a gente precisa viver, então essa é minha relação.

E10: Como eu trabalho no mercado financeiro, eu precisei estudar bastante. Começando sempre no nível de como poupar, como dividir o dinheiro, um pouquinho de contabilidade. Isso mesmo antes de entrar no mercado financeiro. Aí fui subindo os degraus e comecei a entender como investir. Fui na curiosidade procurando sobre os produtos, o que pode investir, em qual lugar e aí eu já subi mais um andar.

Fui entrando fundo em cada investimento. Como que dá para ganhar dinheiro se eu quisesse ele fazer uma aplicação mais arriscada? Eu não me aprofundei, mas eu entendo quais são as estratégias, quais são os derivativos. Sei que é um mercado que já não é tão acessado porque é muito complicado de entender e tem que ter muito estudo. Eu tenho total conhecimento e sei dos riscos e por isso escolho não atuar tão forte. Então acho que eu considero como avançado muito nisso, de realmente entender o dinheiro e suas possibilidades de forma mais profunda. Entendo muito também dos pontos que eu preciso pro meu trabalho, a partir de inflação, a parte de juros, entender se a economia está realmente boa, realmente indo para frente, ou dando uma freada.

Como comentei, sinto que as mulheres têm interesse mas param na barreira do medo e eu só fui aprender mesmo quando comecei a estudar e passei disso. Eu comecei a ler um pouco mais, entendendo com pouco mais as coisas, foi fazendo mais sentido e fui ganhando confiança. É muito legal quando nessas partes de consulta você acha uma mulher falando sobre, motiva. É muito legal ver elas se destacando, conversando o que normalmente a gente vê como papos de homem, não é? Ainda é bem raro infelizmente.

E11: Não coube

E12: Não coube.

7) Como você geralmente administra suas finanças e toma decisões financeiras? De onde vem sua renda?

E1: Eu acabo, pela minha insegurança, pelo pelo pouco conhecimento que eu tenho – volto a dizer por que eu também não quero me aprofundar, porque é claro que todo mundo tem condições de aprender - existe uma insegurança e eu acabo consultando meu sobrinho que é um cara entendido disso, até o meu filho porque moramos juntos então ele tem que participar sem dúvida. Eu pondero com ele, pondero com meu sobrinho quando eu tenho alguma dúvida de alguma coisa. Eu não me sinto apta a decidir tudo

sozinha e achando vou ser bem-sucedida. Sempre peço a opinião do meu filho, de outras pessoas, para poder ficar menos insegura.

A minha fonte de renda sempre foi o meu trabalho, hoje eu tenho uma renda extra que seria o aluguel do meu apartamento, porém eu também tenho uma despesa de um outro aluguel. Então assim, esquece, empatou.

E2: Geralmente são decisões que eu tomo sozinha. Apesar de eu conversar com pessoas próximas, eu acho que por ser nosso dinheiro, tem de partir de nós essa decisão porque depois quem vai deitar a cabeça no travesseiro e decidir se fez uma boa decisão ou não somos nós. Eu geralmente quando eu quero comprar algo, eu me planejo para isso, porque eu gosto de manter tudo sob controle, digamos assim. Então, para mim, comprar coisas no impulso não é o que geralmente acontece. E falando de decisões que demandam um certo investimento, por exemplo, eu assinei um plano de uma academia um ano atrás em que eu sabia que ter um custo elevado eu precisava fechar com um contrato de fidelidade, então o volume de dinheiro que eu precisava naquele período era alto. Então, nesse tipo de decisão, eu vejo muito o que eu vou levar, poxa, eu quero ter uma vida saudável, é uma academia que vai me dar vários tipos diferentes de exercícios para eu me conhecer e saber o que funciona para mim, ou seja, vai me trazer uma qualidade de vida, então pra mim funciona e faz sentido para depositar esse dinheiro aqui. Acho que tem muito isso também do custo-benefício.

Como eu sou estudante ainda, eu sou estagiária e hoje a minha renda é por volta de 1800 reais.

E3: Consulto alguém na maioria das vezes. Muito pra dividir a culpa com alguém, da aquela sensação de ter mais uma pessoa sabendo. Tem muitos momentos em que eu já decidi, mas peço a opinião do meu pai, do meu namorado. Principalmente por causa da experiência deles, mas nunca eles decidiram, eu decido, penso raciocino bem e comunico pra ouvir uma opinião. Hoje eu recebo meu salário, meu pai me dá um dinheiro todo mês pro meu aluguel, e as vezes faço coisas pontuais pra renda extra.

E4: E eu tomo as decisões sozinha e sempre foi assim. Isso influenciava muito nas nossas relações - marido e mulher -, porque quando eu morava em Seropédica, eu comecei a ter um salário melhor. Em 2020, eu comecei a ganhar 5.000 reais bruto. Eu achava que estava bem e eu comecei a comprar coisas para mim naquela época, sabe? Comprava vestido de marca, por exemplo, pulseira da Pandora eram coisas que eu

queria e, assim, meu trabalho tava ali. Eu não ficava no vermelho, então eu queria comprar essas coisas e ele criticava muito, porque ele falava que estava gastando muito dinheiro em um vestido, em uma pulseira.

Sendo que, como ele não colocava dinheiro em casa, quem pagava tudo era eu. Falava, pô, ele não tem que ficar falando isso. Então isso era motivo de discussão entre a gente, ele falando que eu não tinha que gastar com essas coisas, e eu achava que ele não tinha que se meter porque eu que pago com meu dinheiro. ‘Por que que você quer falar no que que eu gasto o que eu não gasto?’”

Então isso era isso. Eu sempre tomei as decisões sozinha, pensando em termos de casa. Eu queria ter me mudado para cá – Zona Sul – antes e eu não fiz, porque só viria se fosse eu e ele, né? Então eu fiquei em Seropédica ou que me economizou uma grana porque lá o meu custo era muito baixo, não tinha aluguel, era só conta de luz, telefone, água e comida.

Hoje minha renda vem mais do meu salário, mas as vezes faço renda extra.

E5: Eu preciso fazer um desabafo sobre meu casamento. Eu ganhava mais que o meu marido em líquido, isso inclusive é uma coisa que vale a gente botar na mesa aqui. Por eu ganhar mais, eu passei a ter um comportamento muito opressor em casa, muito uma posição de hierarquia mesmo. Eu entrei em uma de “foda-se, não vai comprar, não quero que você compre isso”. Eu parei muito pra refletir porque eu falava que não, era porque eu estava no poder de decidir se a gente vai poder ou não. Nisso, eu fico pensando, se eu, uma mera mortal, mulher, magra teve esse comportamento por ganhar um pouco mais que o meu esposo, eu entendo os homens de certa forma. Eu vou ser sincera, você se sente realmente na hierarquia, se eu ganho mais do que você de certa forma eu to sustentando a nossa casa. É muito a relação de que dinheiro é poder e isso acontece mesmo.

Eu tomo muito minhas decisões sozinha. Quando eu vou pro meu marido, eu já tomei minha decisão. Inclusive, esse é um exercício que eu preciso fazer, justamente por isso, porque ele não entende sobre bolsa, não faz o imposto de renda. Quando eu levo pra ele já tenho muito claro o caminho que a gente precisa seguir e aí sim, comunico a ele. Caso ele seja muito contra eu repenso. Eu também peço muito ajuda a primos, não em relação se devo investir ou não, mas em relação ao momento, se é o melhor ou não.

Tenho algumas rendas extras, a primeira é que eu trabalho com fotografia de crianças aos finais de semana, e trabalho com indicação pra pesquisas de mercado além de alguns rendimentos. Fora isso, tem o meu salário e alguns mini rendimentos que não acabam virando renda,

E6: Geralmente eu tomo minhas decisões sozinha. Quando é uma coisa de casal tipo, vamos comprar uma casa, é claro que a gente discute, vê, avalia. Eu sempre tendo a usar o dinheiro guardado apesar de saber que talvez o financiamento é melhor que isso. Mesmo assim, eu tenho esse negócio marcado da infância que se endividar é ruim e isso é muito forte pra mim. Então, por exemplo, no meu primeiro ap, eu não tinha dinheiro suficiente, eu precisei negociar. Eu tinha 20 anos pra gastar? Eu paguei em 2 porque espremia meus gastos pra pagar logo, todo dinheiro que entrava eu pagava. Eu sei que não é muito inteligente, mas é contra minha natureza. Hoje minha renda vem de um lugar só.

E7: Eu tendo sempre a conversar com meu namorado. Depende, vamos lá. Se for uma compra pequena, eu compro sozinha no impulso. Ai eu só comento com ele “bem comprei tal coisa” e ele fica “tudo bem, você merece”. Quando é uma compra um pouco maior, eu sempre pergunto pra ele. Por exemplo, quando quero comprar um celular, aí pergunto se devo no sentido de pedir conselho mesmo. Aí ele me ajuda a botar o pé no chão, se eu preciso, quanto que vai pagar. Eu tendo a comprar as coisas parcelado, o que é horrível, porque você fica refém de parcela. Eu tendo a pedir ajuda dele sim, mas não se outras pessoas.

E8: Geralmente tomo minhas decisões sozinha mesmo. Eu fico meio insegura, mas eu confio e vou, não sei muito e tento lidar com isso, não tenho muitas pessoas pra perguntar. Onde eu moro não tem base, as pessoas não se interessam.

E9: Bom, hoje, eu acabo sempre consultando meu namorado para poder tomar decisões, principalmente em relação a investimentos e decisões maiores assim, porque como eu falei, ele é uma pessoa que sabe mais. Eu sou muito planejada, penso muito, muito, muito no futuro. Minha mãe sempre me zoa que eu sou muito mão fechada. Penso muito antes de tomar qualquer decisão, sempre o cálculo, analiso. Não sou muito de tomar decisão impulsiva, então acho que esse meu lado acaba me beneficiando nessa questão financeira. E hoje minha renda vem de um lugar só.

E10: Hoje eu administro minha renda totalmente sozinha. Eu tenho um salário, o meu salário fixo, e além dele, eu ganho plano de saúde e vale alimentação. Já tenho meu gasto fixo do mês e o resto eu vou guardando. Hoje não consigo guardar tanto, até pelos meus custos, por eu ter resolvido morar sozinha. Tem um custo a mais no meu orçamento. Eu poderia guardar a maioria morando com meus pais? Poderia, mas é algo que eu prefiro, pra mim é muito melhor, é uma qualidade de vida. Ter esse custo é ter, parcialmente, minha independência. Mesmo que agora esteja guardando, ainda que pouco, eu consigo guardar alguma coisa que é muito importante, porque de pouquinho a gente avança e vai rendendo nos juros compostos. Em relação a crescimento financeiro, eu me vejo em uma carreira na minha própria empresa. Penso muito que, cada vez mais, exponencialmente, eu vou equilibrando mais a vida profissional, a vida independente. Aí vou investindo cada vez mais. Aí vai ser mesmo no exponencial, mas hoje eu faço o básico, tem que começar de algum lugar.

E11: Tem uma menina do banco que liga e fala sobre uns investimentos, que não tem risco nenhum, mas nesses casos eu sempre prefiro consultar. Eu falo muito com o meu marido, pedir uma orientação, ele também me indica bastante coisa do que fazer. Eu sempre pergunto, nunca tomo a iniciativa sozinha, fico com muito medo. Meus gastos normalmente são em relação a outras pessoas. Hoje minha renda vem de um lugar só, meu trabalho.

E12: Hoje minha renda vem 100% do meu marido e minha filha me ajuda com algumas coisas as vezes. Eu tento sempre juntar o que sobra do dinheiro da semana, mas é pouco. Em relação a decisões maiores sempre preciso consultar, perguntar, até pra ele poder me dar. Também sempre peço ajuda e conselhos pra compras e grandes decisões, nunca consigo fazer sozinha. Em relação ao dinheiro da semana eu administro ele da forma que achar melhor mas geralmente vai nas coisas do dia a dia mesmo, contas básicas, comidas e necessidades.

8) Você se sente motivada a pesquisar ou estudar mais sobre o tema? Se já possui educação financeira sólida, como você mantém seu conhecimento atualizado?

E1: Sim, me sinto motivada. Me incomoda não saber, aí entra aquele lado da preguiça, vida corrida, trabalho todos os dias então assim dá um pouco de preguiça pelo cansaço mesmo. Mas assim, tenho plena consciência de que eu só não tenho mais conhecimento

porque eu não quero sentar e estudar. Mas tenho certeza que tenho na minha mão a possibilidade de aprender.

E2: Sim e não. Sim, porque, como eu disse, eu quero aprender mais sobre porque eu sei da importância, mas por a gente viver numa era tudo muito rápido tudo muito pra ontem a gente acaba tendo muitas demandas que realmente demandam da gente. O tempo que a gente tem disponível para a gente é muito mais pra descansar a cabeça do que ter mais um conteúdo para consumir. Então acho que acaba nessa dualidade de “Caramba quero me informar”, mas “também quero ter meu momento de futilidades que não pensar em nada”.

E3: Sim, bastante. No meu Instagram aparece toda hora anúncios porque eu sempre estou pesquisando. Gosto de estar preparada para diferentes cenários econômicos, então eu me sinto motivada.

E4: Eu não acho que eu preciso estudar mais sobre o tema. Eu acho que eu preciso encontrar uma renda extra que não demande tanto esforço. Porque eu já tenho meu trabalho que demanda bastante esforço. Eu acabo não conseguindo conciliar tudo. Eu tenho que encontrar alguma coisa passiva para me render uma grana. Mas eu não acho que é estudar mais sobre o tema. E é colocar em prática, sabe? Pensar por que eu não tô colocando em prática e colocar em prática.

O excesso de cansaço acaba influenciando. Eu tenho cuidado muito da minha saúde física, fazendo exercício. Eu fico muito cansada e com meu corpo dolorido, cansado, e aí, fica mais uma coisa para fazer. Uma coisa importante é, eu acho que quando você coloca energia em muitos pontos, você não vai ter energia pra nada, né? Tem que ter ali um limite, então isso influencia sim o trabalho, os exercícios físicos, cuidar da casa e aí a pressão de pessoas dependendo de você também.

E5: Eu me sinto motivada a estudar mais porque eu moro de aluguel e minha próxima meta é comprar uma casa. Quero sair do aluguel dentro de cinco anos. Sinto que hoje tô num step de vida de estudar mais sobre mercado imobiliário, quase que outro mercado, pra conseguir propriedade de tomar essa decisão. Pra me manter atualizada eu sigo muitos canais de finanças, chega pra mim de forma orgânica, nos stories, nas redes sociais.

E6: Eu sou tão conservadora que o meu banco é o Banco do Brasil, que é o banco mais antigo do Brasil. E eu faço toda a minha movimentação financeira dentro do BB. Já tive experiência de ter outros bancos, nunca mais. Porque me dá muito trabalho e eu não quero gastar meu tempo com isso. O BB tem um app que investimentos que eu consigo ver como é que tá o desempenho das minhas aplicações é isso eu olho sempre, semanalmente e as vezes até com mais frequência. Eu tenho alguns investimentos em ações, mas estão em fundos, eu nunca invisto em ação diretamente porque aí você precisa avaliar a empresa. Eu entro muito em fundo, fundo de multimercado, fundo de estrutura. E até porque, como eu trabalho no banco X. Eu não quero correr o risco que de falarem que eu tenho informações por trabalhar no banco, no fundo dilui, então mesmo que eu tenha a informação de uma empresa, não afeta o desempenho. Eu nunca quero correr esse risco de acharem que eu usei de informação privilegiada pra ganhar dinheiro. Minha renda vem 100% do emprego do banco.

E7: Por agora não me sinto motivada a estudar. É algo que penso em olhar mais tarde quando eu tiver mais dinheiro. Eu visualizo que quando eu tiver mais dinheiro eu vou ter a necessidade de estudar sobre isso, ter motivação pra aprender. Isso tem muita relação com falta de tempo, cansaço que já vem do trabalho, de cuidar de casa.

De certa forma, eu deleguei essa função pro meu namorado, de administrar o nosso dinheiro. A gente tem o dinheiro que é meu, o dinheiro que é dele e o dinheiro que é nosso. A gente tem uma conta compartilhada e aí ele fez os cálculos de quanto cada um tem que aportar proporcionalmente ao que ganha, das nossas contas fixas e eu só coloco o dinheiro lá e ele que administra. Ele paga o aluguel, conta de luz, conta de gás. Eu não tenho muita paciência para esse assunto. Já é uma trava pra mim e eu fico “aí que saco, resolve você”. Hoje minha renda vem 100% do meu salário.

E8: Eu sinto que sou horrível em matemática, sou uma negação e isso me afasta, não me sinto motivada. Mas sei que tem coisas que precisamos saber então pontualmente eu corro atrás.

E9: Como comentei, nunca me interessei muito sobre então acabo não me estimulando a procurar. Como meu namorado sabe mais eu acabo indo nos conselhos dele mesmo, principalmente levando em conta o meu perfil mais conservador/ moderado. A verdade é que não sobra tempo também, é muita coisa, trabalho, cuidar da casa e isso nunca entra como prioridade.

E10: É, tem várias fontes que eu olho ali no dia a dia. Tem dia que não dá para olhar, correria, mas tem a InfoMoney, que eu vejo muito sobre economia e mercado. Tem os materiais internos da minha empresa também, que eles ficam postando sobre resumos e notícias ao longo do dia que eu acompanho, fica até mais fácil.

Mas assim, sobre a vida, administrar o dinheiro, vejo tudo num equilíbrio até integrativo que eu falo, eu acompanho muito no Instagram, eu tenho alguns caras, inclusive já parei pra observar e a maioria são homens, que eu acho interessante a informação que eles passam ali. Mas basicamente isso, nada assim muito aprofundado. Eu leio muito, adoro ler livros, então sempre estou lendo um livro sobre a parte de economia e de finanças.

E11: Olha, eu nunca tive curiosidade em me aprofundar, sabe? Agora que tem surgido mais o assunto em casa por conta da minha filha mais velha eu converso com ela ou o menino marido. Mas assim, nunca tive curiosidade do tipo “ah vou buscar, entender, pra me aprofundar melhor no assunto.”

E12: Nunca tive incentivo e hoje acho tarde demais. Minha filha vive falando sobre, mas é um assunto que eu fujo, não gosto e não me sinto confortável.

9) Como você entende o conceito de independência financeira? Você se sente próxima desse objetivo?

E1: Independência financeira para mim é realmente eu ter a liberdade de decidir o que eu quero fazer e o que eu não quero fazer dentro das minhas possibilidades financeiras, entendeu, e só depender da minha decisão. Sim, hoje é uma realidade pra mim.

E2: Apesar de conseguir relacionar esse conceito a tanta coisa, eu acho que a independência financeira, hoje, pra mim, significa eu conseguir ter uma vida sem precisar de outras pessoas. Explicado meu caso, hoje eu moro como se fosse numa república, em que as pessoas dividem custos. Então, no caso, independência financeira seria não precisar dividir custos e conseguir manter uma casa e conseguir controlar tudo somente com a minha renda. Mas independência, para mim, no futuro, tem muito a ver com esse plano que eu disse de viver de certa forma de renda, então fazer com que o dinheiro trabalhe pra mim e não eu para ter dinheiro. No futuro próximo, o que eu diria sobre independência financeira é que terminando a faculdade, eu vejo de certa forma meu emprego encaminhado para eu ser contratada e isso me daria um salário mensal

que propicia bancar o aluguel e todos os pontos que têm a ver com isso. Mas, no longo prazo eu ainda sou muito nova, então essa realidade ainda está um pouco distante. É sobre construir degrau a degrau pra chegar lá daqui a alguns anos.

E3: Independência financeira pra mim vai ser o dia que eu puder escolher de fato com que eu vou estar trabalhando. Se eu vou trabalhar, é o momento que eu me sinto segura de que eu não vou depender de ninguém. Literalmente, eu não preciso do dinheiro do meu pai, da minha mãe, do meu namorado, não preciso do dinheiro de ninguém. É o momento em que eu tenho meu próprio dinheiro, que eu consegui construir com o meu próprio trabalho e agora eu posso escolher se eu quero trabalhar ou não, o que eu quero trabalhar, se eu estou feliz aqui, se eu não estou.

Pra mim, Independência financeira é poder fazer essas escolhas em relação o rumo da minha própria vida. A gente acaba ficando com muita limitação por causa do dinheiro então tirar essa barreira e de fato poder escolher o que eu quiser pra mim é ser independente.

Não sinto tão próximo, mas acho que é tangível. Eu coloco bastante fé, tenho sentimentos bons, uma sensação boa quando eu olho pra essas coisas. Acho que eu estou fazendo certo. E até compartilhando com a minha mãe, ela sempre fala como é impressionante porque na minha idade ela não tinha essa compreensão. Comparando com outras trajetórias, eu olho e falo, o meu despertar veio mais cedo do que o de muitas pessoas. Eu acho que vai acontecer, só não tão rápido, ainda tenho tempo.

E4: Independência financeira para mim, é não depender de uma única fonte de renda e conseguir ter uma grana para viver por pelo menos um ano ali, sabe? Um dinheiro para viver por pelo menos um ano. Se eu decido amanhã que eu não quero trabalhar aqui, tudo bem, eu tenho ali um ano de segurança, se eu decido o que eu quero, fazer uma transição profissional, eu também, tudo bem, eu tenho ali uma segurança, uma reserva financeira boa, e para mim isso é ter Independência, não depender de um lugar só e ao mesmo tempo ter uma quantidade de dinheiro que consiga pelo menos um ano. Não é próximo, mas eu acho que é possível.

E pensando até em uma renda extra, o que eu tenho pensado em uma renda extra em produzir durante um tempo, colocar discurso em um produto digital que ele rode sem mim, que aí eu vou conseguir, né? Produzir dinheiro sem colocar tanto esforço, vou colocar uma vez, mas aí depois ele vai trabalhar para mim.

E5: É tudo pra mim. É ter conforto no sentido de alimentação e qualidade de vida, pra mim isso já é independência. Se eu consigo comprar um pote de Nutella eu já estou independente financeiramente porque eu tenho noção do quanto de pessoas não comprariam e não compram um pote desses por dinheiro. Ter a alimentação e a moradia asseguradas pra mim configura minha independência. O que vem depois, que é a realização dos meus sonhos, aí é benefício. E vejo isso como uma realidade na minha vida. Essa independência hoje só tá consolidada na minha vida porque foi um trabalho de anos, um trabalho de entender em que faixa da sociedade eu precisaria estar pra isso. Aqui entra meu estudo o almejo por um salário melhor e essas coisas.

E6: Independência financeira pra mim é o que eu tenho hoje, é não precisar ficar fazendo conta de despesas simples. É eu poder no meu dia a dia ter pequenos agrados ou realizar meus pequenos desejos sem fazer conta.

E7: Independência financeira é quando você tem liberdade, quando você pode tomar as decisões, as rédeas da sua vida. Pra mim é não ficar refém de um lugar, de um trabalho e nem de pessoas. Então se hoje eu quisesse me demitir pra seguir o sonho de empreender ou ficar em casa estudando pra concurso ou trocar de empresa, eu teria essa possibilidade. A mesma coisa com relacionamentos, sinto que o dinheiro é muito importante nessa questão pra mulher porque eu vivi isso na minha casa.

Minha mãe era dependente totalmente financeiramente do meu pai. Várias vezes ela tentou se separar e não conseguia porque ela não tinha uma renda e pensava muito também nos filhos. Da pra ver como isso prende a mulher a uma situação que ela não gostaria de estar. Pra mim independência financeira também é isso, se eu não quiser estar mais com uma pessoa, mudar, eu posso fazer isso, tenho dinheiro pra aquilo. É o que eu almejo, não quero ser milionária, mas quero ganhar o suficiente pra viver bem, com saúde mental e que eu possa mudar de rumo quando eu achar que necessário. Sinto que esse objetivo é possível, mas não próximo. Acho que eu demoraria uns anos pra isso.

E8: É quando você tem controle sobre seu próprio dinheiro e sabe cuidar dele sozinha. Acho que um dia pode acontecer comigo, mas ainda tem muita coisa faltando.

E9: Bom Independência financeira para mim é e foi conseguir sair da casa dos meus pais. Foi algo muito marcante pra mim. Era algo que me sugava também de energia, foi uma grande realização conseguir. Independência financeira, pra mim, é conseguir me

manter nessa situação, por exemplo, se eu quiser sair, eu posso sair e me manter bem sem passar sufoco, porque nunca foi essa a ideia.

Então hoje em dia eu consigo morar num lugar onde eu quero, faço as coisas que eu quero. Não atingi 100%, em relação a futuro é algo que to planejando, ta distante mas to lutando pra chegar lá. E, como eu posso dizer? Independência pra mim é basicamente poder. Poder viajar, comprar o que eu quero, sair para algum lugar. No geral, também inclui a ideia de não precisar que os outros me ajudem, é não precisar da opinião dos outros também. É independência emocional, se eu quiser me separar, fazer qualquer coisa, eu sei que vou conseguir me bancar, me sustentar.

E10: Cara, a Independência financeira seria não se preocupar com passar um ano sem trabalhar e ainda sim poder viver bem. E aí eu vejo muito também, se eu tivesse uma família, marido e os filhos, eu poderia, sem ele, bancar tudo. Bancar uma vida de qualidade para todo mundo. E aí, vendo, por exemplo, a minha família, meu pai, minha mãe, minhas irmãs é também conseguir dar o melhor pra eles para eles não se preocuparem com mais nada, então na hora que eu puder conceder isso tranquilamente estarei independente.

Quero não depender de realmente ninguém para ajudar os outros. Eu sinto super que estou no caminho para isso, né? Vejo pessoas que começaram assim, do meio corporativo, não só da minha empresa, como de outras, que atingiram isso em determinado momento e jovens. Fizeram uma carreira brilhante ali, cheia de conhecimentos, decisões, pessoas, outras empresas, sempre evoluindo em todos os aspectos. E aí chegou um momento que foram fazer um sabático ou então vou até deixar de trabalhar e virar blogueiro dos ensinamentos de vez. É ter essa opção se eu quiser.

E11: Eu, na minha concepção, hoje em dia, quando eu penso lá atrás, que eu dependia muito de pai e mãe. Comecei a trabalhar, trabalhar mesmo, cedo, a ter meu dinheiro certo. Isso me fez perder algumas coisas, ver minhas filhas crescendo, tudo, são coisas que você abre mão. Mas eu não me arrependo porque eu penso que se eu quiser ajudar uma pessoa da família, ou coisas assim eu posso. Eu não dependo de ficar pedindo, sabe? Pra mim, eu me sinto realizada. Claro que eu não ganho milhões pra fazer, mas eu consigo segurar um tempo por causa de um objetivo futuro.

Às vezes eu caio na besteira de falar que tô muito cansada, que eu devia ter ficado na minha casa, cuidando das coisas, cuidando das minhas filhas. As vezes comentam coisas

sobre infância e eu fico triste, porque eu não tava em casa pra assistir esse tipo de crescimento. Apesar disso eu consigo falar que ajudei, que contribui. Minha irmã nunca trabalhou fora, mas ela contribuiu com outro tipo de trabalho, ela ajudava na casa, ajudou com as minhas meninas. Hoje minha irmã tá com 58 anos e sinto que agora ela deu o despertar. Ela começou a se inscrever em algumas creches que tão abrindo aqui em Sepetiba e fala que nunca é tarde pra começar. Eu converso com ela e ela nunca teve o problema do marido reclamar, mas precisava pedir as coisas, gerava essa dependência. Vejo muitas amigas dependente de marido, essas coisas, que são privadas de terem algumas coisas. É muito bom a gente ter nosso dinheiro, a nossa independência financeira, nossa liberdade de escolha no dia a dia. Hoje eu me considero independente financeiramente, com certeza.

E12: Pra mim, independência financeira é não depender de ninguém pra nada, é o que eu tento passar pra minha filha, quero que ela tenha o dinheirinho dela e possa fazer escolhas. Se você quiser se mudar, se muda, se quiser largar um homem pelo motivo que seja, você pode largar. É você só depender de você. Isso não é uma realidade pra mim.